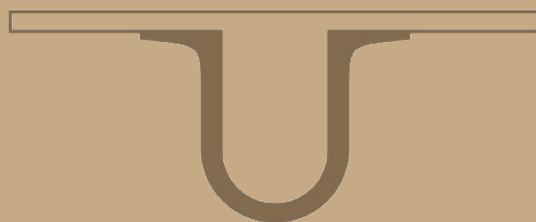




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Ana Rita Rocha Milheiro

**DA COLEÇÃO PRIVADA DO FUNDADOR DO MUSEU
GRÃO VASCO A MUSEU ALMEIDA MOREIRA
PROPOSTAS DE MELHORAMENTO**

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Património Cultural e Museologia, ramo de Gestão e Programação orientado pelo Professor Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes e apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

DA COLEÇÃO PRIVADA DO FUNDADOR DO MUSEU GRÃO VASCO A MUSEU ALMEIDA MOREIRA PROPOSTAS DE MELHORAMENTO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Da coleção privada do fundador do Museu Grão Vasco a Museu Almeida Moreira
Subtítulo	Propostas de melhoramento
Autora	Ana Rita Rocha Milheiro
Orientador	Professor Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
Júri	Presidente: Professor Doutor Francisco Paulo de Sá Campos Gil
	Vogais:
	1. Professor Doutor António Manuel Antunes Rafael Amaro
	2. Professor Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Património Cultural e Museologia
Área científica	Património Cultural e Museologia
Especialidade/Ramo	Gestão e Programação
Data da defesa	31-10-2019
Classificação do Relatório	18 valores
Classificação do Estágio e Relatório	18 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes pela orientação deste Relatório de Estágio.

Aos meus pais. Obrigada, pai, por toda a exigência que, ao longo dos anos, me tornou a pessoa que sou hoje; se em todos estes anos duvidei da necessidade de tanta precisão, atualmente tenho a certeza que foram essas imposições que ajudaram a tornar no que sou. Obrigada, mãe, por toda a tua generosidade e pela forma como acreditas em mim como mais ninguém o faz; sem todos os teus incentivos não estaria aqui.

Aos meus irmãos: Frederico, Francisco e Guigo.

À Dr.^a Sandra Alves, coordenadora do Museu Almeida Moreira, que, ao longo dos seis meses de estágio, me ajudou a crescer tanto a nível profissional como pessoal; depositou em mim confiança para a realização de todas as tarefas propostas. Agradeço-lhe do fundo do coração.

À equipa do Museu Almeida Moreira, em particular à colega Ana Correia a qual acabou por se transformar numa amiga que levo para a vida.

À minha colega nesta caminhada, Denise.

Ao João Pedro, pela paciência e por todo o amor e amizade ao longo dos anos.

E, por último, a Viseu e a todas as pessoas que me acolheram nesta cidade, oferecendo-me, com a maior mudança da minha vida, uma segunda casa.

RESUMO

De coleção privada do fundador do Museu Grão Vasco a Museu Almeida Moreira – Propostas de melhoramento

O estágio curricular e o presente relatório surgiram para contribuir para a investigação e evolução do Museu Almeida Moreira, situado em Viseu numa das casas com mais valor para a cidade, a casa Soar de Cima legada em testamento por Francisco Almeida Moreira ao Município de Viseu em 1939. Almeida Moreira, personagem bastante relevante para a cidade de Viseu deixou uma herança material e um legado que se perpetuou na história com a fundação do Museu Regional de Arte que mais tarde passa a designar-se Museu Grão Vasco. Neste relatório de estágio procurou-se caracterizar o patrono da casa e o processo de evolução de coleção privada a Museu Almeida Moreira. Foi também desenvolvido e analisada a Rede Municipal de Museus e apresentados os sete espaços museológicos que compõem esta rede.

No entanto o relatório incide maioritariamente na personagem de Almeida Moreira e os seus feitos como também a coleção que é possível visitar atualmente no Museu Almeida Moreira e que nos acaba por dar a conhecer parte do quotidiano da personagem e da própria sociedade da época. O museu conta com uma exposição permanente que vai desde de mobiliário, cerâmica, pintura e esculturas de grandes artistas portugueses e estrangeiros.

O relatório de estágio surge também para propor melhoramentos tanto no Museu Almeida Moreira como na Rede de Museus do Município de Viseu.

O estágio incidu maioritariamente no contributo dos serviços educativos e no desenvolvimento do arquivo com o objetivo de melhorar o serviço prestado.

Palavras-chave: Francisco Almeida Moreira; Museu Almeida Moreira; Rede Municipal de Museus de Viseu, serviço educativo, cidade-jardim.

ABSTRACT

From the founder's private collection of the Grão Vasco Museum to Almeida Moreira Museum – Improvement proposals

The curricular internship and the present report emerged to contribute to the research and development of the Almeida Moreira Museum, located in Viseu, in one of the most valuable houses of the city, the house Soar de Cima, left by legacy in testament by Francisco Almeida Moreira to the Viseu Municipality in 1939. Almeida Moreira, a very relevant personality for the city of Viseu, who left a material inheritance and a legacy that has been perpetuated in history with the foundation of the Regional Museum of Art which later becomes renamed Grão Vasco Museum. In this internship report we sought to characterize the patron of the house and the process of evolution of private collection to Museum Almeida Moreira. It was also developed and analyzed the Municipal Museum network and presented the seven museological spaces that compose this network.

However, the report focuses mostly on the character of Almeida Moreira and his achievements as well as the collection that is currently possible to visit at the Almeida Moreira Museum, which ends up getting to know part of the daily life of the character and of the society of the time. The museum has a permanent exhibition that goes from furniture, ceramics, painting and sculptures of great Portuguese and foreign artists.

This internship report also emerges to propose improvements both in the Almeida Moreira Museum and in the network of museums of the municipality of Viseu.

The internship focused mainly on the contribution of educational services and the development of the file in order to improve the service provided.

Key words: Francisco Almeida Moreira, Almeida Moreira Museum, Municipality network of Museums of Viseu, educational service, garden-city.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – Rede Municipal de Museus de Viseu	4
1.1 A importância da criação de uma Rede de Museus	4
1.2 Rede Municipal de Museus de Viseu	5
1.2.1 Casa da Ribeira	7
1.2.2 Quinta da Cruz	7
1.2.3 Museu Almeida Moreira	7
1.2.4 Museu da História da Cidade	8
1.2.5 Casa da Lavoura – Oficina do Linho	8
1.2.6 Museu do Quartzo - Centro de Interpretação Galopim de Carvalho	9
1.2.7 Coleção Arqueológica – José Coelho	9
1.3 Instalações e serviços da Rede Municipal de Viseu.....	10
Capítulo 2 – Museu Almeida Moreira	11
2.1 Contextualização histórica	11
2.1.1 Nota biográfica de Francisco Almeida Moreira.....	11
2.1.2 Casa-Museu Almeida Moreira	17
2.2 Acervo do Museu Almeida Moreira.....	19
2.3 Infraestrutura e serviços do Museu Almeida Moreira.....	24
2.3.1 Conceito de museu	24
2.3.2 Funcionamento do Museu Almeida Moreira	25
2.3.3 Exposições permanentes e temporárias	25
2.3.4 Serviços do piso da entrada principal	27
2.3.5 Acessibilidade do Museu Almeida Moreira	27
2.3.6 Salas disponibilizadas para o serviço administrativo.....	28
2.3.7 Controlo e proteção da coleção.....	29
2.3.8 Gestão museológica do Museu Almeida Moreira.....	30
2.3.9 Serviço educativo no Museu Almeida Moreira	31
2.4 Enquadramento programático do Museu Almeida Moreira.....	33
2.4.1 Missão, visão e valores do Museu Almeida Moreira.....	33
Capítulo 3 – Estágio Curricular	34

3.1 Caracterização do estágio.....	34
3.2 Proposta de três circuitos relacionados com Almeida Moreira.....	39
3.2.1. Circuito para crianças e jovens	40
3.2.2. Circuito para famílias.....	40
3.2.3 Circuito para o público sénior.....	42
3.3 Propostas de melhoramento no Museu Almeida Moreira e Rede Municipal de Museus de Viseu.....	45
3.3.1 Nova museologia e Museu Almeida Moreira	48
Conclusão	50
Bibliografia	52
ANEXOS	55

Índice de Anexos

Anexo I – Cópia do Testamento do Capitão Almeida Moreira	56
Anexo II – Projeto de Beneficiação da Casa – 2011	59
Anexo III – Planta Rés do chão.....	60
Anexo IV – Planta do Piso 1.....	61
Anexo V – Planta Piso 2	62
Anexo VI – Carta enviada pelo Vice-presidente da Câmara de Viseu, Dr. Júlio Amarelo, ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian a 29 de julho de 1963.....	63
Anexo VII – <i>Flyer</i> de apresentação do museu e da exposição permanente	64
Anexo VIII – <i>Flyer</i> da exposição “A idade de ouro do cartaz do Cinema Polaco”	64
.....	65
Anexo IX – <i>Flyer</i> de apresentação da exposição “Alfredo Keil – um primeiro olhar”.....	65
Anexo X – <i>Flyer</i> de apresentação do ciclo de conferências “A linguagem da arte”	65
Anexo XI – Exemplo de Ficha de Inventário	66
Anexo XII – Plano de atividades e <i>framework</i> de construção de projeto de um ciclo de conferências.....	68
Anexo XIII – Guião do <i>Peddy Paper</i> entregue às equipas.....	70
Anexo XIV – Questionário realizado aos coordenadores dos museus da RMMV.....	73

Abreviaturas

MAM – Museu Almeida Moreira

MHC – Museu de História da Cidade

CMV – Câmara Municipal de Viseu

CDU – Classificação Decimal Universal

RMMV – Rede Municipal de Museus de Viseu

RPM – Rede Portuguesa de Museus

MGV – Museu Grão Vasco

Introdução

O estágio curricular principiou no dia 2 de outubro de 2018 e realizou-se no Museu Almeida Moreira, uma instituição pública pertencente à Rede Municipal de Museus tutelada pela Câmara Municipal de Viseu. O estágio teve a duração de seis meses e esteve na origem deste relatório. Este documento destina-se a descrever e a refletir sobre as atividades desenvolvidas no estágio, a saber: funcionamento da instituição, serviços oferecidos, exposições, público e instalações. No relatório, apresentar-se-á também a RMMV e Francisco Almeida Moreira, patrono da casa onde se localiza o MAM. Serão ainda elencadas propostas para o melhoramento tanto da Rede Municipal de Museus como do MAM.

O Município de Viseu distingue-se pela sua vasta oferta museológica e patrimonial. A sua origem é de difícil verificação, contudo o mais remoto antecedente do povoamento da cidade data do período neolítico, terceiro milénio a.C. Esta afirmação comprova-se com a existência de monumentos megalíticos na região. Devido à sua longa história, compreende-se facilmente que toda a cidade seja um centro histórico, onde se encontram vestígios de diversas gerações em vários monumentos. Viseu é, portanto, composta por um conjunto diversificado de monumentos e museus relevantes para cidade e para o país.

A valorização da herança histórica, do património edificado, dos eventos culturais e da oferta museológica é um dos pilares da governação do município.

No que diz respeito aos museus municipais, a proposta centra-se em novas exposições e visa o aumento e a diversificação das atividades voltadas para o património cultural e natural. Ao longo do último executivo, aposta-se em novas estratégias para cativar visitantes, turistas e escolas a visitar os espaços museológicos, mas também a própria cidade. Desde 2017, Viseu acolhe uma impactante iniciativa¹ que se traduz no aumento do fluxo de visitantes.

Como vemos, neste município destaca-se a importância atribuída a estes eventos culturais, ao património e à forma como se processa a oferta museológica. Isto fez-me escolher a cidade de Viseu, considerada como a melhor cidade para ser feliz em Portugal em 2018, para realizar o estágio curricular no Mestrado de Património Cultural e Museologia.

¹ 2017 – Ano oficial para Visitar Viseu; 2018 – Viseu, Cidade Europeia do Folclore; 2019 – Destino Nacional da Gastronomia.

A RMMV, criada coberta de incertezas no ano de 2011, não está ainda formalizada e funciona até à data informalmente. Começou com quatro² museus, contando, atualmente, com sete³ espaços museológicos, dentro e fora dos limites da cidade. No início do ano de 2019, foram apresentados dois novos projetos museológicos não tão tradicionais: um museu virtual da história da cidade e um museu que irá expor a coleção da família Keil do Amaral. Nesta rede, tem-se revelado como fundamental a comunicação entre os museus que a constituem; imprescindível para o seu bom funcionamento é o diálogo com a autarquia.

O espaço museológico no qual realizei o estágio foi o MAM. Este localiza-se a poucos metros da Câmara Municipal e possui uma valiosa coleção artística. O nome do museu deve-se a Francisco Almeida Moreira que, durante a sua vida de forma absolutamente única, divulgou, ajudou a expandir e embelezou a cidade de Viseu. Depois da sua morte, perpetuou o seu contributo à cidade de Viseu, legando a sua casa com uma coleção valiosíssima e ainda um museu do qual foi fundador e primeiro diretor: o Museu Nacional Grão Vasco, um dos museus mais importantes do país.

O meu estágio contemplou dois grandes momentos. A primeira fase foi dedicada à investigação da vida de Almeida Moreira, leitura da sua correspondência e de outros documentos relacionados tanto com o homem como com o processo de criação da Casa-Museu e exploração da coleção deixada por herança à autarquia de Viseu. Nesta fase, a investigação teórica realizada revelou-se fundamental para a integração na equipa do museu e para a realização do segundo capítulo do presente relatório, a própria exposição permanente foi fulcral para desenvolver o tópico 2.2 do presente relatório, foi através das tabelas de identificação das peças que foi possível reunir informações sobre personagens apresentadas ao longo do relatório. A segunda fase do estágio teve como objetivo central a minha integração na equipa do museu, visando a realização de uma investigação de campo. Pude, primeiramente, observar o normal funcionamento do museu e, mais tarde, acabei por integrar a equipa. Foram delegadas em mim algumas funções relevantes para o funcionamento do museu, tais como preparação de material para atividades do serviço educativo, receção de visitantes, vigilância de visitas livres e guiadas e no que diz respeito ao trabalho interno desenvolvi funções no âmbito da documentação que ainda não estava estudada. Nesta última fase, foram apresentadas e acolhidas atividades propostas por mim com o objetivo de melhorar a oferta museológica. Foi ainda possível levar à prática um conjunto de resultados da investigação realizada na primeira fase.

² Museu Etnográfico de Várzea de Calde; Museu Almeida Moreira; Museu do Quartzo e Casa da Ribeira.

³ Museu Etnográfico de Várzea de Calde; Coleção Arqueológica José Coelho; Museu Almeida Moreira; Museu do Quartzo; Museu da História da Cidade; Quinta da Cruz e Casa da Ribeira.

O objetivo da realização do estágio foi procurar aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a parte curricular do mestrado e assim desempenhar funções de caráter profissional. Ao iniciar o estágio curricular, surgiram diversas questões e dúvidas. Houve uma pergunta para a qual procurei mais respostas: o que tinha aprendido na parte teórica do mestrado teria que ser executado na vertente prática? O estágio curricular acabou por responder a esta questão. De facto, a teoria é muito diferente da prática e existem mesmo situações concretas onde é impossível aplicá-la.

Em relação às fontes, estas foram sobretudo disponibilizadas pelo MAM. Aqui pude deter-me com uma vasta documentação relacionada com Francisco Almeida Moreira e a criação da Casa-Museu. Foi também consultada bibliografia cujo tema era a museologia, sobretudo sobre outros museus e as suas estratégias. Recolhi ainda informação sobre as teorias da museologia. Por último, mas não menos relevante, surge a observação durante o estágio, a qual se revelou elementar para a realização deste relatório.

O primeiro capítulo do relatório dedica-se à caracterização e à análise da RMMV. No entanto, não foi possível proceder a uma análise completa à rede, visto que esta não possui qualquer tipo de regulamento. Este fator acabou por dificultar a elaboração deste capítulo.

No segundo capítulo, apresenta-se uma breve biografia de Francisco Almeida Moreira e relata-se o processo de transição de casa de habitação até museu, incluindo a coleção do Capitão. Neste capítulo, analisam-se ainda os serviços e o funcionamento do atual MAM, bem como a missão e os objetivos do MAM.

O último capítulo é dedicado à experiência adquirida no museu. Desta parte consta também uma breve crítica com propostas construtivas para o funcionamento do museu e a RMMV. Ainda neste último capítulo, são apresentadas as atividades realizadas durante o estágio curricular e propostos três circuitos criados no âmbito da vida e feitos de Almeida Moreira.

Capítulo 1 – Rede Municipal de Museus de Viseu

1.1 A importância da criação de uma Rede de Museus

Ao longo dos anos, foi possível observar um significativo aumento no que diz respeito aos projetos em rede, concebendo-se, desta forma, novos modelos organizacionais. A criação de uma rede de museus surge como estratégia dos municípios para assim procederem à gestão deste seu património. Os museus pertencentes a uma rede são geridos de forma flexível, mas seguem os mesmos objetivos e princípios que os restantes espaços museológicos. A implementação dos objetivos da rede baseia-se na partilha de conteúdos, de histórias e de estratégias dos vários museus. O sucesso desta gestão em rede está plenamente subordinado às pessoas envolvidas e à sua disponibilidade para este tipo de coordenação, sendo indispensável a comunicação entre os museus e a “instituição-mãe” (CMV).

O modelo de rede de museus pode ser criado em três âmbitos: rede temática; rede local ou regional; rede organizacional. No caso do Município de Viseu, a rede de museus foi concebida a nível local, levando a uma diferenciação entre os museus municipais e os restantes existentes na cidade. A criação de uma rede de museus acaba por “criar” uma marca o que promove a distinção referida anteriormente. Assim, a conceção de um projeto em rede revela-se como uma mais-valia que favorece cada museu no seu conjunto e individualmente. Nestes casos, é possível conseguir um melhor aproveitamento cultural do território e assim conceber dinamismos culturais e económicos.

Ao conceber uma rede de museus é imprescindível a conceção de um regulamento, no qual se definem previamente ponto de partida, missão e objetivos. Os núcleos museológicos que constituem a rede de museu devem, a partir do regulamento, arquitetar as suas próprias estratégias para alcançar uma evolução cultural. Embora cada museu tenha uma temática e até mesmo uma missão diferentes, a criação de um modelo de gestão produz benefícios para cada museu. A gestão numa rede provoca competitividade, forçando a procura de novas estratégias e temáticas que definirão novos planos culturais em todos os espaços museológicos.

Desta forma, a criação de uma rede de museus deverá “assentar em variáveis fundamentais: interação, relacionamento, partilha, integração. Todos estes factores de

complementaridade ajudarão a sustentar, igualmente, a flexibilidade e o fortalecimento da gestão do projecto em rede”⁴.

1.2 Rede Municipal de Museus de Viseu

A criação de uma rede de museus num município conduz a uma gestão museológica acessível e acessível ao nível do controlo, proporcionando vantagens ao nível de gestão que acabarão por traduzir-se num “melhor funcionamento e manutenção dos recursos materiais e técnicos, originando a redução de custos financeiros e materiais”⁵.

Em meados de 2012, embora não existam fontes que o possam confirmar de forma oficial, o Município de Viseu criou a sua Rede Municipal de Museus. Esta rede municipal funciona ainda hoje de forma informal, ou seja, opera sem se guiar por um regulamento. Para que o seu funcionamento seja regular, baseia-se noutros regulamentos de redes de museus. Este fator dificulta, obviamente, a análise da RMMV.

Esta rede poderá, no entanto, ser comparada com a Rede Portuguesa de Museus no que diz respeito aos seus princípios. Aliás, qualquer rede de museus deverá seguir princípios semelhantes à RPM.

[A RPM]

promove a valorização de cada museu que a integra e, simultaneamente, sustenta a sua força estratégica no conjunto dos museus que a constituem. O reforço da RPM e a garantia da oferta de serviços qualificados que vão ao encontro da procura do público, concorrem para uma crescente importância dos museus enquanto agentes facilitadores da mudança social e catalisadores do desenvolvimento cultural, económico e social do país⁶.

A RMMV procura, tal como a RPM, garantir ofertas espaços museológicos diferenciados que acolham diversificadas coleções, proporcionando, desta forma, desenvolvimento cultural, económico e social ao seu município.

⁴ OLIVEIRA, Ana Maria Constante de, *Rede de Museus Municipais – Rede de Museus Municipais/Gestão e Implementação de estratégias/Casos de Cascais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, 2007, p. 149.

⁵ OLIVEIRA, Ana José A. C, *Rede Municipal de Museus de Santa Maria da Feira-um modelo organizacional*. Santa Maria da Feira, s.d., p. 3.

⁶ Rede Portuguesa de Museus, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/> consultado no dia 15 de julho de 2018].

A RMMV é composta, atualmente, por sete museus⁷ tutelados pela autarquia. A característica mais distintiva desta rede é a diversidade das coleções e dos espaços; estes oferecem um vasto leque de atividades educativas e culturais nas mais diversas áreas.

Os recursos humanos dos museus contam com uma equipa fixa e um coordenador; no entanto todos os novos projetos, atividades, exposições e iniciativas são alvo de análise por parte do Vereador da Cultura, Património, Turismo e Marketing Territorial, Dr.º Jorge Sobrado, e da Chefe de Divisão, Dr.ª Dora Mariano.

A RMMV intenta preservar, estudar e divulgar o património concelhio, de maneira a desafiar o público a visitar os seus espaços museológicos. Ao longo dos últimos anos, trabalha no sentido de encontrar estratégias que permitam atingir os seus objetivos. É neste sentido que se aprova e leva à prática um plano de gestão anual com atividades e exposições programadas para cada museu.

Todos os museus municipais têm o mesmo horário de funcionamento: terça-feira das 14 às 18 horas; de quarta-feira a domingo das 10 às 13 horas e das 14 às 18 horas. Para além de estarem encerrados às segundas (todo o dia) e às terças-feiras (no período da manhã), fecham também nos feriados de Ano Novo, Domingo de Páscoa, Dia do Trabalhador e Dia de Natal.

No que diz respeito às redes sociais, o Município de Viseu optou por criar apenas uma página ou conta, tanto no Instagram como no Facebook, que engloba todos os museus pertencentes à Rede Municipal. Esta intitulada “Museus de Viseu”.

No âmbito do meu estágio, pareceu-me importante elaborar um questionário⁸ a todos os responsáveis dos museus municipais. As questões foram relativas ao número de funcionários, serviços disponíveis nas instalações, número de atividades educativas e pontos fracos e fortes de cada espaço. De seguida, apresentamos cada um dos museus da RMMV, bem como as conclusões relativas ao inquérito elaborado. Os questionários foram realizados através de e-mail depois da autorização da chefe de divisão da cultura da CMV. Foram enviados pela Dr.ª Sandra Alves, no entanto a coordenadora da Coleção Arqueológica – José Coelho foi a única responsável que não respondeu ao questionário, apesar do sucedido em seguida será apresentado o espaço baseando-me numa visita ao local.

⁷ Museu Almeida Moreira, Museu da História da Cidade, Coleção Arqueológica José Coelho, Casa da Ribeira, Casa da Lavoura e Oficina do Linho – Museu Etnográfico de Várzea de Calde, Museu do Quartzo – Centro de Interpretação Galopim de Carvalho e Quinta da Cruz.

⁸ O inquérito foi construído tendo por base os conhecimentos adquiridos no primeiro ano do segundo ciclo de estudos em Património Cultural e Museologia. (Ver anexo XIV)

1.2.1 Casa da Ribeira

A Casa da Ribeira é um espaço museológico que transporta o visitante, através das suas exposições e atividades, para memórias da Ribeira e da sua produção artesanal. Situa-se fora do Centro Histórico de Viseu e é coordenada pela Dr.^a Liliana Tavares. Atualmente conta com cinco funcionários.

A inauguração do espaço realizou-se no dia 17 de maio de 2014; a Casa da Ribeira contabiliza, até ao momento, oito exposições temporárias que têm uma duração média de seis meses a um ano. O serviço educativo, tal como em todos os museus da rede municipal, é um campo merecedor de toda atenção. Assim, durante o ano, a Casa da Ribeira proporciona ao seu público cerca de seis a dez atividades, sempre relacionadas com as suas exposições. O edifício não possui serviço de cafetaria, mas é um edifício adaptado a pessoas portadoras de deficiência. Não dispõe de catálogo de exposição permanente e não existem recursos tecnológicos para a poder acompanhar. Nos últimos quatro anos, o museu conta com cerca de 5500 de visitas.

O ponto fraco mencionado pela coordenadora da Casa da Ribeira é a pouca divulgação que o museu recebe tanto a nível da autarquia como da comunicação social.

1.2.2 Quinta da Cruz

A Quinta da Cruz, centro de arte contemporânea, intervencionada pela CMV e aberto ao público a 4 de agosto de 2014, é atualmente coordenada pela Dr.^a Ana Rita Antunes. Trata-se de um grande espaço verde, onde se desenvolvem inúmeras oficinas criativas. Para a coordenadora do museu, este revela-se o ponto forte do centro, acabando mesmo por afirmar que “sendo um espaço sem coleção permanente, considera-se a maior valência a explorar, seja na relação museu/comunidade, seja a nível das ações de mediação a explorar”. Neste espaço, apresentam-se ao público uma média de oito exposições temporárias por ano, acompanhadas por seis a oito atividades educativas.

O museu não conta nem com serviço de cafetaria nem com loja de recordações. A equipa é composta por cinco funcionários e, desde que abriu ao público, tem uma média de oito mil visitantes por ano.

1.2.3 Museu Almeida Moreira

O MAM situa-se a poucos metros da Câmara Municipal de Viseu, na casa onde viveu o Capitão Almeida Moreira. A casa e todo o seu recheio foram doados à autarquia após a morte de

Almeida Moreira em 1939. Tendo sido aberta ao público pela primeira vez em 1940 como Casa-Museu Almeida Moreira, foi reinaugurada em 1965 como MAM; em 12 de dezembro de 2012 volta a ser inaugurada já sob tutelada do Município de Viseu. Desde 2012, a coordenadora deste museu é a Dr.^a Sandra Alves, que recebe o apoio de quatro funcionários. Desde a sua última inauguração, recebeu onze exposições temporárias, acompanhadas por cerca de vinte e cinco atividades educativas por ano.

Para a Dr.^a Sandra Alves, o ponto forte do museu que coordena é sem dúvida “a personagem de Almeida Moreira e as ligações intrínsecas à cidade, bem como a sua coleção privada. A localização privilegiada entre o centro histórico e o Rossio”; em relação ao ponto fraco, realça a inexistência de um catálogo e a pouca divulgação. Na verdade, este aspeto acaba por ser mencionado por todos os coordenadores dos museus municipais.

1.2.4 Museu da História da Cidade

O edifício da Livraria Dias na Rua Direita recebeu vários espaços culturais ao longo dos anos. Em 2013 acolheu o Centro de Coordenação Cultural de Viseu e em 2015 a Casa das Memórias. Finalmente, em 18 de maio de 2018, foi inaugurado como Museu da História da Cidade. Este museu também é coordenado pela Dr.^a Sandra Alves, sendo a equipa de trabalho composta por quatro funcionários. A única exposição do museu é uma exposição temporária, sem data para o seu término; esta encontra-se aqui patente desde a inauguração do espaço.

Tal como todos os museus municipais não conta com serviço de cafetaria; está adaptado para pessoas portadoras de limitações motoras, característica de todos os museus da rede. Segundo a sua coordenadora, o ponto forte é a localização e a própria temática do museu, já que apresenta a história da cidade de Viseu com recurso a ícones.

1.2.5 Casa da Lavoura – Oficina do Linho

O maior objetivo da Casa de Lavoura é preservar e dar a conhecer a tradição do linho e da lavoura tradicional, remetendo, portanto, para costumes identitários da região. O museu apresenta-nos uma antiga casa de lavoura.

O museu encontra-se localizado a cerca de vinte quilómetros da cidade de Viseu e é coordenado pela Dr.^a Raquel Greenleaf, inaugurou a 20 de setembro de 2009. A equipa deste espaço é de quatro elementos. Ao longo de toda a exposição permanente recorre-se à utilização

de recursos tecnológicos, e é ainda possível a consulta e compra de um catálogo do acervo. O ponto fraco mencionado pela coordenadora tem que ver com a sua deslocalização da cidade e a falta de transportes públicos regulares para a freguesia de Calde. Contudo, o município procura aumentar o número de visitantes com atividades educativas das mais diversas áreas, tendo sido realizadas cerca de trinta atividades por ano ao longo dos últimos quatro anos.

1.2.6 Museu do Quartzo - Centro de Interpretação Galopim de Carvalho

O museu do Quartzo localiza-se no Monte de Santa Luzia, antiga pedreira que foi abandonada em 1986. Este trata-se, efetivamente, do único museu do mundo dedicado unicamente ao mineral. O critério de exclusividade foi o ponto forte mencionado pela coordenadora do museu. A sua exposição permanente permite o uso de recursos tecnológicos e é dedicada ao mineral quartzo. As suas instalações são compostas por um auditório, sala de estudo e ainda uma biblioteca. Foi inaugurado a 30 de abril de 2012 e dele faz parte uma loja de recordações e um edifício apto para pessoas portadoras de deficiências motoras.

A equipa é composta por três funcionários coordenados pela Dr.^a Teresa Vieira. O museu, ao longo dos últimos quatro anos, contou com seis exposições temporárias e com o dobro de atividades educativas, registando uma média de 10 000 visitantes por ano. No ponto de vista da Dr.^a Teresa Vieira, o seu ponto fraco é a pouca divulgação que o espaço tem.

1.2.7 Coleção Arqueológica – José Coelho

Localizada na Casa do Miradouro, um edifício junto à Sé, este espaço acolhe o espólio de José Coelho. A exposição de caráter permanente apresenta a vida e a obra do arqueólogo. Abriu ao público a 14 de janeiro de 2013 e conta com uma equipa de quatro funcionários; é coordenado pela Dr.^a Lília Basílio. As diversas atividades educativas incentivam o visitante a deslocar-se ao museu. A Coleção Arqueológica também se desloca às escolas, levando, desta forma, o museu aos agrupamentos do concelho de Viseu.

1.3 Instalações e serviços da Rede Municipal de Viseu

Depois da análise dos questionários e da visita aos espaços que constituem a RMV, foi possível concluir que o município faz uma grande aposta nos museus da cidade. Na verdade procura manter-se atualizado e sempre pronto acolher novos projetos⁹. Todos os edifícios estão aptos para receber pessoas portadoras de deficiências motoras, porém não é garantido que todos os espaços tenham 100% de acessibilidade; no entanto, é observável o grande esforço realizado para que tal suceda.

É importante referir que, de todos os museus pertencentes à RMV, o único que foi construído com o propósito específico foi o Museu do Quartzo — Centro de Interpretação Galopim de Carvalho; todos os outros edifícios onde os museus estão a funcionar foram obtidos através de compra ou doação.

O Museu do Quartzo juntamente com a Quinta da Cruz são, efetivamente, os museus com instalações mais completas, pois são constituídos por auditório e salas para diversas atividades, as quais contribuem, sem dúvida, para um serviço mais completo.

Em todos os museus municipais, é possível solicitar visitas guiadas, estando estas sujeitas a marcação prévia e a um custo de um euro, exceto para estabelecimentos escolares. As atividades educativas também têm um custo de um euro e abarcam uma variada escolha ao longo de todo o ano.

O número de visitantes dos museus é algo que a Câmara Municipal de Viseu, de ano para ano, tem intenções de aumentar, procurando acolher e implementar novas iniciativas para que os objetivos sejam cumpridos. A criação de novos eventos na cidade, o aumento de horas de abertura dos museus e até mesmo inauguração de novas exposições que abrangem outras áreas que não as dos museus em questão são apostas que o município efetuou nos últimos anos. No início do ano civil, é sempre apresentado um plano de gestão e programação dos museus com objetivos e iniciativas diferentes do ano anterior¹⁰.

⁹ O novo espaço museológico irá ser inaugurado em Viseu com obras da família Keil do Amaral. As obras na Casa da Calçada, lugar onde será acolhida toda a coleção, estarão, em breve, concluídas. Prevê-se a inauguração do espaço em 2020.

¹⁰ Este dossiê de planeamento poderá ser consultado no *website* www.visitviseu.pt todos os anos.

Capítulo 2 – Museu Almeida Moreira

2.1 Contextualização histórica

2.1.1 Nota biográfica de Francisco Almeida Moreira

Francisco António de Almeida Moreira, conhecido em Viseu como “Almeida Moreira — Fundador e Diretor do Museu Grão Vasco” ou somente como “Chico”, nasceu a 25 de novembro de 1873, na atual Rua Nunes Carvalho, em Viseu. Com apenas oito anos, ficou órfão de pai, Francisco de Laura Moreira. Este faleceu inesperadamente em janeiro de 1881. Em dezembro do mesmo ano, Ana Ermelinda de Almeida Moreira, mãe de Almeida Moreira também faleceu, sendo a causa da sua morte desconhecida. Nesta altura, o seu tio materno e padrinho, José António de Almeida, médico e fundador do Hospital de Mangualde, ficou responsável pela sua educação.

Almeida Moreira frequentou o Real Colégio Militar até 1890, por influência do pai e da família, e, com apenas 17 anos, faz-se voluntário no Regimento de Cavalaria n.º 2, em Belém. Acaba por ser promovido em 1890 a 1.º Sargento graduado Aspirante a Oficial e mantém-se com esta promoção até 1892, a 30 de outubro do mesmo ano é promovido a 1.º Sargento graduado Cadete. Foi autorizado a frequentar a Universidade de Coimbra entre 1890 a 1892 e a Escola Politécnica do Porto entre 1892 a 1895. Em 1896, com 23 anos, foi condecorado por comportamento exemplar e admitido no Curso de Infantaria e Cavalaria, tendo ainda sido promovido a alferes. Em 1899, foi destacado para o Regimento de Elvas. Em 1902, dá-se a sua transferência para o Regimento n.º 5 de Infantaria do Imperador de Áustria. Ao longo do seu percurso militar, ocorreram diversas interrupções por motivos de doença. Na verdade, padecia de complicações ao nível da sua saúde respiratória. Já no que diz respeito ao nível disciplinar, o Capitão foi apenas alvo de um apontamento, em 1899, que resultou num dia de detenção por ter chegado numa noite depois da uma hora. Em 1903, foi novamente transferido desta vez para o Regimento de Infantaria n.º 14. Neste período, acaba por fixar residência em Viseu. A Casa Soar de Cima tornou-se a sua habitação permanente até à sua morte. A ascensão na carreira prosseguiu com a promoção a Tenente em 1904 e em 1911 a Capitão. Entre 1912 e 1914, recebe dois louvores. Na sua folha de juízo ampliativo de 1914, surge uma impressionante caracterização: “inteligente, estudioso, desempenha todos os serviços com competência. Possui

excelentes qualidades e primorosa educação”¹¹. Em 1915, uma nova tarefa lhe é incumbida, a instrução militar preparatória no distrito de Viseu.

Em 1916, passou para a Reserva, depois de ter sido considerado incapaz pela Junta Hospitalar de Inspeção até 1919. Foi ainda chamado algumas vezes a serviço, tendo sido dispensado definitivamente do mesmo a 1 de junho de 1919. Completou, neste serviço, 28 anos de carreira militar.

No ano de 1904, tinha pedido para concorrer a um lugar de professor de Educação Física em Viseu; tal pedido recebeu anuência no fim do ano. A sua atividade como docente trouxe-lhe popularidade na cidade devido à estima e consideração que muitos alunos e colegas tinham por ele. Em 1914, recebeu louvor do Governo da República Portuguesa pelo seu zelo, assiduidade e competência enquanto professor de Educação Física.

Paralelamente à sua carreira militar e à de professor, Almeida Moreira dedicou-se à política, escrita, pintura e museologia.

O Capitão revelou-se como uma das figuras primordiais da época, no que diz respeito à defesa, salvaguarda e proteção do património da cidade de Viseu. Sobressaiu sempre como um homem nobre que apresentava uma desmedida sensibilidade artística. A 13 de janeiro de 1910, foi nomeado vogal correspondente do Conselho dos Monumentos Nacionais. Após a Implantação da República, foi publicada a legislação sobre a Lei da Separação da Igreja do Estado¹², a qual levou a que todos os bens da Igreja Católica passassem a pertencer ao estado. Almeida Moreira concordou e apoiou esta medida, tendo aproveitado a circunstância para proceder à aquisição de obras religiosas.

O conselheiro Afonso de Melo Pinto Veloso¹³ escreveu a Almeida Moreira para o impulsionar a criar um Museu Regional. José Almeida e Silva¹⁴ também apoiou a iniciativa. Entre estas duas personalidades viveu o primeiro diretor do futuro Museu de Viseu.

Dr. José de Figueiredo, diretor do Museu de Arte Antiga, indicou Almeida Moreira para diretor do futuro museu de Viseu. Em 1913, foi promulgado o decreto governamental¹⁵ no qual

¹¹ SILVA, Alcina, Almeida Moreira Vida e Obra, Revista “Beira Alta”. Vol. LI, fascículo 3 e 4, 3.º e 4.º Trimestre. Local: editora, 1992, p.293.

¹² A 20 de Abril de 1911.

¹³ Afonso de Melo Pinto Veloso (1878-1968) formou-se em Direito e, ao longo da sua vida, desempenhou cargos de grande relevo; foi Juiz no Supremo Tribunal de Justiça, Ministro da Justiça e Ministro da Instrução Pública entre a Primeira República e o Estado Novo.

¹⁴ José Almeida e Silva (1864-1945), o “Pintor da Beira”, assim designado por Almeida Moreira, é natural de Viseu e, ao longo da sua vida, foi pintor, ilustrador, escultor, caricaturista, publicista e escritor. As suas obras enquadram-se já num naturalismo tardio, tendo estado patentes em exposições em Portugal e no estrangeiro.

se institui o Museu Regional de Arte localizado na Sé de Viseu e nos seus anexos. No ano seguinte, Almeida Moreira é nomeado pela CMV diretor do museu. Um passo mais importante ainda dar-se-ia no 16 de março de 1916; publica-se, no Diário do Governo deste dia, o reconhecimento de todo o espólio recolhido e o museu passa a designar-se Museu Grão Vasco, localizado nas dependências anexas à Sé. A inauguração oficial dá-se no dia 6 de outubro do mesmo ano após inúmeros esforços por parte do Capitão para que duas obras do antigo retábulo da Capela-Mor da Sé fossem restauradas por Luciano Freire. Somente em 1938, são deslocalizados todos os serviços presentes no Paço dos Três Escalões; durante anos, Almeida Moreira lutou para que neste espaço fosse instalado o MGV.

Almeida Moreira, ao longo dos anos, visita igrejas, conventos e capelas sempre com o objetivo de recolher obras para o espólio do MGV; selecionava obras que não estivessem a ser utilizadas para culto. Contudo, o espólio do museu não se deve só à igreja, mas também aos donativos de particulares. Com recurso a estes donativos, adquiriram-se numerosas obras. Muitas vezes era o próprio diretor que adiantava o seu dinheiro para aquisição dessas peças. Chegou mesmo a fazer da sua casa, Soar de Cima, a garantia das suas compras de obras de arte. Almeida Moreira adquiriu também obras de Columbano Bordalo Pinheiro, sendo esta coleção, hoje em dia, a segunda maior coleção do artista. A obra mais representativa é, efetivamente, o autorretrato de Columbano, classificado, atualmente, como Tesouro Nacional.

Almeida Moreira começou então a organizar conferências, a promover exposições e visitas de estudo, divulgando assim o museu no país e no estrangeiro.

Em simultâneo com a sua atividade de museólogo, Almeida Moreira realizou conferências em várias partes do país e além-fronteiras. As suas viagens a diversos países, realizadas com uma certa frequência, justificam-se com a sua paixão pela História e pela Arte. Deslocou-se a Paris, Roma, Cádiz, Barcelona, Bruxelas e Rio de Janeiro entre os anos 1921 e 1930, promovendo, reiteradamente, o espólio do MGV e a cidade de Viseu.

Prova do reconhecimento do seu valor, são a sua nomeação como responsável da secção artística do pavilhão português na Exposição do Rio de Janeiro, em 1922, e como delegado no Congresso Americanista de Roma, em 1926, e no Congresso Internacional de História de Arte em Paris, no ano de 1921.

¹⁵ Decreto n.º 256 – Diário do Governo n.º 305/1913, Série I de 1913-12-31.

Almeida Moreira recorre muito à imprensa para divulgar o seu estudo em património cultural, colaborando em diversos periódicos¹⁶. O seu comprometimento com a imprensa viseense realça, claramente, o esforço que Almeida Moreira fez para modernizar Viseu e para tornar esta cidade num destino turístico. As suas colaborações com jornais abordavam temas como turismo, património, etnografia, bem como as suas experiências no estrangeiro.

Digno de destaque é o seu papel de promotor de turismo como Presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu, em 1930. Esta instituição direcionava-se para o desenvolvimento do turismo a nível local. É justamente no contexto da Comissão de Iniciativa do Turismo que Almeida Moreira impulsiona vários planos para a modernização de Viseu. A decoração da Praça da República, deve-se ao Capitão, pois este efetuou a encomenda do painel de azulejos com motivos ruralistas ao seu grande amigo Joaquim Lopes. Almeida Moreira visitou exposição Ibero-Americana em Sevilha, que decorreu no ano de 1929. Após esta jornada foi introduzido um novo movimento de mobiliário urbano em Viseu chamado “Glorieta”; surgiu então o Jardim Tomás Ribeiro, localizado na Praça da República, com a “Glorieta Tomás Ribeiro” de autoria de Jorge Colaço. No ano seguinte, realizou o filme-documentário “Monumentos e recantos artísticos de Viseu e arredores”, no qual são promovidos o município e os monumentos da cidade. Almeida Moreira ainda procurou impulsionar os produtos das Indústrias Regionais da Beira, tornando-os conhecidos e consumidos em todo o país. Foi ainda durante o período em que colaborou com a Comissão de Iniciativa de Turismo que surgiu a proposta de construção de um painel de azulejos de homenagem a Grão Vasco localizado no Fontelo. Este painel viria a ser inaugurado em 1933.

O trabalho de Almeida Moreira evidenciou-se ainda no exercício de cargos públicos e de funções políticas. Em 1911, foi nomeado inspetor de incêndios pela CMV e três anos mais tarde participou na Comissão Concelhia de Inventário e na de Turismo. Em 1918, integrou o Executivo Municipal e assumiu a vice-presidência da Comissão Administrativa. Como vice-presidente, Almeida Moreira teve um papel fundamental ao nível das alterações estruturantes da cidade, quer no plano urbanístico, quer nos espaços ajardinados. Exerceu ainda o cargo de Vereador do Urbanismo, Estética e Jardins da Câmara Municipal de Viseu. Deixou a Câmara em 1934 devido a algumas divergências com membros da vereação. Podemos constatá-lo nas suas palavras:

¹⁶ O Azurrague (1924-1926); O Comércio de Vizeu (1923-1933); Distrito de Viseu (1929-1935); Jornal da Beira (1921-1937); Notícias de Viseu (1925-1929).

Tenho andado aborrecido com as coisas em Viseu. Deixei a Camara porque não me entendia com uns animais que lá estavam e lá continuam! Não falavamos a mesma língua! São insensíveis à mais ligeira manifestação artística.¹⁷

A designação “Viseu, Cidade Jardim” foi adotada após as intervenções do Capitão Almeida Moreira, tanto como membro do Executivo Municipal como membro da Comissão de Iniciativa e Turismo.

O envolvimento na sociedade civil de Almeida Moreira é absolutamente impressionante; pertenceu também à equipa de co-fundadores do Rotary Clube de Viseu, tendo sido o seu segundo presidente; Em 1934, desempenha ainda a função de Presidente da Associação de Futebol de Viseu.

Nos inícios do século XX, a Feira Franca de Viseu, atual Feira de São Mateus, deparava-se com uma crise. As taxas municipais eram elevadas e as alterações nas dinâmicas de comercialização de bens levaram à criação pelo Tenente-coronel António Lopes Mateus de uma comissão de três vogais. Um desses vogais foi o Capitão Almeida Moreira que teve um papel importante na sua renovação. Em 1927 passa a integrar a Comissão Organizadora da atual Feira de São Mateus, criando ao longo dos anos os projetos de abarracamento da feira e ficando responsável pela realização dos cartazes de promoção do evento. As suas alterações na feira fizeram-se sentir também através das funções que executou na Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu como Administrador-Delegado.

Como membro da Comissão de Iniciativa e Turismo, o Capitão trouxe uma das atrações mais emblemáticas à época a “barraca do Turismo”; esta era uma montra de tradições regionais muito elogiada ao longo dos anos e revelando-se sempre como ponto de interesse. Em 1932, a Comissão de Iniciativa e Turismo aprovou um voto de louvor a Almeida Moreira “pela forma como organizou a representação, na Feira Franca”¹⁸. Em 1936, deixou de estar ligado à Comissão organizadora da Feira.

A par de todo este trabalho desenvolvido, dedicou-se igualmente à escrita, promovendo a cidade de Viseu e todo o seu esplendor no primeiro guia da cidade de Viseu, editado em 1931. Cinco anos mais tarde foi impressa uma segunda edição do guia em três idiomas: português, inglês e francês. Importa salientar que, apesar das muitas transformações da cidade-jardim, este

¹⁷ MOREIRA, Francisco Almeida, *Cartas de Almeida Moreira a Joaquim Lopes 1919-1939*. Viseu: Quartzo Editora, 2013, p. 97.

¹⁸ FERNANDES, Luís, *Almeida Moreira e a renovação da Feira de S. Mateus (1927-1935)*. Viseu: Feira de São Mateus, 2013, pp 10-15.

guia que o Capitão redigiu ainda pode ser utilizado para conhecer muitos recantos da cidade. A última reedição desta obra data de 2018 e é utilizada como guia da cidade de Viseu. Na verdade, a maioria das suas obras promovem o turismo da cidade, a preservação do património e o seu elucidário artístico.

Para além do seu gosto pela escrita, o gosto pela leitura também é reconhecido. Prova disso é a sua uma biblioteca pessoal, constituída por milhares de exemplares nas mais diversas áreas.

Durante toda a vida fez-se rodear de grandes personagens da arte e cultura portuguesas, a saber: Silva Porto, Moura Girão, os irmãos Bordalo Pinheiro, João Vaz, António Ramalho, Joaquim Lopes e Amadeo de Sousa Cardoso. Almeida Moreira foi uma figura com uma sensibilidade artística distinta para a época e, quando ainda frequentava o Colégio Militar, já revelava talento para as Belas Artes. Com Marques Leitão, acaba por apurar o traço promissor e é em Lisboa, quando vive com Justino Montalvão e Carlos Malheiro Dias no Pátio Martel, que conquista uma proximidade com Columbano Bordalo Pinheiro e António Ramalho: “Era eu, ao tempo, estudante da Escola Politécnica e algumas vezes, com prazer, trocava as aulas da escola, pelo atelier do vizinho pintor”¹⁹. No período que decorre entre 1889 a 1912, apresentou cerca de trinta trabalhos de desenho, em aguarela, óleo e tinta da china. Pintou maioritariamente paisagens, nas quais expressa o seu amor pela natureza; desenhou também diversas caricaturas, revelando o seu enorme sentido de humor, característica bastante peculiar para alguém que teve uma formação militar.

Muita das informações que temos da sua vida e dos seus feitos devem-se ao seu acervo documental, ainda hoje preservado. Este é constituído por alguns milhares de cartões de visita, postais, cartas e telegramas. Almeida Moreira trocou correspondência com personagens como José Relvas, Joaquim Lopes, Columbano Bordalo Pinheiro, Luciano Freire, Aarão de Lacerda, entre outros. Da sua coleção documental fazem ainda parte documentos essenciais do seu percurso na área da investigação de História de Arte, Turismo e Museologia. No seu acervo, podemos ainda encontrar muitos cadernos de viagens relativos às suas saídas de Viseu.

Ao longo de toda a sua vida, nunca casou nem teve filhos, tendo vivido sempre na grande casa que era Soar de Cima com os seus três empregados, Gracinda – a cozinheira –, Bernardo – o mordomo – e Afonso – o motorista.

¹⁹ Palavras proferidas por Almeida Moreira a 6 de novembro de 1932 numa palestra em memória de Columbano Bordalo Pinheiro.

A 19 de dezembro de 1939, faleceu devido a uma gripe. Numa carta dirigida ao seu grande amigo Joaquim Lopes escrita na véspera do seu falecimento, podemos ler: “veio uma onda de frio que trás toda a gente a tiritar, e eu, apanhado por ela, tive de recolher à cama donde lhe escrevo”²⁰.

No seu testamento, Almeida Moreira deixa usufruto da casa Soar de Cima e de algumas propriedades aos seus criados, Gracinda, Afonso e Bernardo, até às suas mortes. Tendo sido este o mais favorecido em comparação com os restantes. Bernardo é descrito por Almeida Moreira no seu testamento como “leal e bom amigo”. Este criado já vivia com o Capitão ainda antes da morte dos seus pais. Foi para Almeida Moreira muito mais do que um empregado. Deixou ainda alguns bens ao Hospital Doutor Almeida em “memória do seu benemérito fundador, o meu saudoso e sempre lembrado tio, Doutor José António de Almeida”²¹.

O sétimo ponto, e talvez o mais importante, do testamento de Almeida Moreira expressa a vontade do Capitão relativamente à sua casa Soar de Cima e a todo o seu valioso e artístico recheio. Todos estes bens foram deixados à CMV com a obrigação de esta os conservar e de transformar a casa em “Casa Museu-Biblioteca”, não alterando, contudo, de modo algum a sua tipologia. Os seus funcionários tiveram o dever de abrir todos os dias a casa, enquanto lá viveram, para quem quisesse visitar a Casa Museu-Biblioteca de Almeida Moreira. A casa Soar de Cima passou, portanto, a pertencer à Câmara Municipal, porém os criados de Almeida Moreira viveram lá até à sua morte, tal como o Capitão desejava. Só em 1953 é que a câmara toma plena posse do imóvel com a morte de Gracinda.

2.1.2 Casa-Museu Almeida Moreira

A construção da casa remonta ao século XIX e século XX e os seus traços levam a concluir que teve intervenção de Raul Lino. A fachada da casa é composta por frisos de azulejos datados dos séculos XV, XVII e XIX.

No dia 8 de setembro de 1940, (no mesmo dia teve início mais uma edição da Feira de São Mateus) a Casa Museu-Biblioteca abre ao público tal como desejado, ainda com os criados a viver no Soar de Cima. Preservou-se uma parte para habitação e o restante passou a abrir ao público todos os dias.

²⁰ MOREIRA, Francisco Almeida, *Cartas de Almeida Moreira a Joaquim Lopes 1919-1939*. Viseu: Quartzo Editora, 2013, p. 182.

²¹ Testamento de Almeida Moreira – 1939 (ver anexo I)

Depois da morte da governanta, já nos inícios da década de 50, a casa encontrava-se num estado de degradação avançado. A Câmara Municipal não possuía grandes recursos financeiros, acabando por ser a Fundação Calouste Gulbenkian a suportar os custos das obras de remodelação. As obras se realizaram-se por intervenção do seu presidente, Dr. José Azeredo Perdigão, antigo aluno de Almeida Moreira no Liceu Alves Martins, em Viseu. Em 1962, começou o processo de “Beneficiação, Valorização e Conservação da Casa-Museu Almeida Moreira” e o arquiteto Manuel Rodrigues ficou responsável pelo estudo das reparações do imóvel urbano. As obras decorreram “em sistema satisfatório, embora não muito rápido, em parte devido à própria natureza da obra”²².

Conforme o plano de trabalhos estabelecido, as obras da Casa-Museu Almeida Moreira deveriam ter ficado concluídas até maio de 1964, porém tal só veio a acontecer no mês seguinte, quando ainda faltavam alguns acabamentos. Concluída a obra deram-se mudanças significativas; foram eliminados traços de habitação e produzidos espaços para a promoção da coleção e para as atividades dos serviços educativos. No primeiro piso, foi criada uma sala de projeção e conferências apelidada “Auditório Gulbenkian” com lotação máxima de cem pessoas. Houve abertura de uma nova porta ao nível do rés do chão e, devido à transformação do espaço ajardinado o alçado lateral, surgiram modificações no segundo piso. No rés-do-chão, emergiu, ainda, a escadaria atual com dois lanços e com o friso de azulejos.

Nos inícios da década de 60, quando é iniciado o projeto de “Beneficiação, Valorização e Conservação da Casa-Museu Almeida Moreira”, o Município de Viseu, em sessão de câmara (23/03/1962), colocou a Casa-Museu sob a alçada da Direção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, começando a contar com o apoio do MGTV. Russel Cortês, diretor do MGTV, foi o responsável pela caracterização dos espaços e pelo discurso expositivo das coleções. A 28 de abril de 1965, o museu reabre ao público com novo nome, Museu Almeida Moreira, acolhendo uma exposição dedicada à coleção de Almeida Moreira e contando com a presença do Presidente da República, Américo Tomás.

A dia 25 de novembro de 1973, foi inaugurado no jardim da Casa-Museu; virado para o Jardim das Mães, foi instalado um busto do Capitão em bronze de autoria da Mariano Benlliure, amigo de Almeida Moreira. Esta peça celebrou o primeiro centenário do nascimento de Almeida Moreira.

²² Carta enviada pelo vice-presidente da Câmara de Viseu, Dr. Júlio Amarelo, ao presidente da Fundação Calouste Gulbenkian ano dia 29 de julho de 1963 (ver anexo VI).

Nas décadas de 80 e 90, o auditório da casa passou a ser utilizado pelo Cine Clube de Viseu para diversas atividades culturais.

Sob a direção de Alberto Correia, são organizadas exposições temporárias e o espaço é destinado também aos Serviços Educativos do MGV. No rés de chão do museu, foi acolhido a “Área Urbana de Viseu” durante quatro anos.

Em 1997, era evidente a necessidade de obras de reparação e até mesmo aquisição de material museológico. Nesta altura, o museu encerra durante meio ano para restauro no telhado e no piso interior.

Mantém-se atualmente a exposição permanente e organizam-se diversas exposições temporárias com o objetivo de cativar público. No entanto, devido à falta de recursos humanos cedidos pelo MGV, a Casa-Museu encerra ocasionalmente.

A Casa-Museu recebeu, de 2001 a 2003, os serviços administrativos do MGV.

A Câmara Municipal de Viseu, em 2006, dá início às obras de reabilitação, reabrindo em 2008, sob a orientação de Ana Paula Abrantes, a Diretora do MGV.

Em 2010, inaugura a exposição “Almeida Moreira: gosto pessoal”.

No ano seguinte, o Município realiza novas obras de carácter estrutural sob a responsabilidade da SRU/Viseu Novo.

A 12 de dezembro de 2012 foi inaugurado o MAM, integrado na Rede Municipal de Museus do Município e, atualmente, funciona de forma permanente.

2.2 Acervo do Museu Almeida Moreira

Francisco Almeida Moreira, principalmente uma alma de artista, reflecte-se na imagem desse espelho que é a sua casa, Soar de Cima sempre foi uma casa hospitaleira repleta de arte que o Capitão recheou durante a sua vida. Ao longo do tempo a casa de Almeida Moreira transformou-se na antecâmara do Museu Grão Vasco e na sala de visitas da cidade de Viseu. Tal como já referido o Capitão legou à cidade, que serviu com grande dedicação, a casa do Soar de Cima com todo o seu valioso recheio que acumulou ao longo da sua vida, tornando assim o mobiliário e os objetos em património concelhio²³.

²³ VALE, A. de Lucena, “*Viseu monumental e artístico*”. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 1949, pp. 386-387.

Muitas peças que fazem parte da coleção de Almeida Moreira foram obtidas através da compra. Porém o fundador do MGV recebia variados presentes como forma de agradecimento pela forma carinhosa como recebia os seus convidados e pelos negócios que realizava no âmbito da coleção do MGV. Por isso, é natural que muitos dos artistas exibidos no MGV estejam também presentes na coleção de Francisco Almeida Moreira.

Atualmente o acervo do MAM é composto por uma coleção de pintura, escultura, mobiliário, cerâmica, têxteis, vidro, ourivesaria, armaria e documental. Destacam-se, na sua coleção pessoal, cerca de três dezenas de obras de autoria do próprio.

No âmbito da pintura no período final do Romantismo, destaco um artista nacional, João António Correia, que foi discípulo de Augusto Roquemont. Aquele viveu sete anos em Paris (1848 a 1855), tendo posteriormente regressado ao Porto, onde foi professor de Pintura Histórica na Academia. A partir de 1882, foi diretor da Escola de Belas Artes do Porto e professor de muitos artistas presentes na coleção de Almeida Moreira, como por exemplo de Silva Porto e Marques de Oliveira.

Na pintura referente ao pré-naturalismo, encontra-se Tomás da Anunciação presente na coleção do Capitão. O artista começa os seus estudos em 1837 na Real Academia das Belas Artes em Lisboa, tendo sido discípulo de António Manuel da Fonseca. Fez parte de uma revolta artística, defendendo uma nova prática naturalista, na qual se devia trabalhar ao ar livre. Em 1852, foi nomeado professor da cadeira de Pintura de paisagem. Em exposição está uma das suas obras “Vaca e Bezerra”; nesta é visível a introdução da nova prática artística, o naturalismo.

Em toda a coleção que Almeida Moreira deixou ao Município de Viseu, destaco também vários artistas da época do naturalismo que pertenceram todos ao Grupo Leão²⁴. Silva Porto (1850-1893) foi aluno de João António Correia e como bolseiro do Estado partiu para Paris. No mesmo ano em que volta a Portugal, 1879, morreu Tomás de Anunciação. Aquele foi convidado pela Academia de Belas Artes de Lisboa para lecionar a cadeira de “Paisagem”, incentivando os alunos a pintarem ao ar livre para exercitarem a observação direta. Silva Porto tornou-se uma figura central do movimento naturalista. Na coleção de pintura de Almeida Moreira, em exposição atualmente no museu, encontram-se quatro quadros²⁵.

²⁴ O Grupo Leão era um grupo de intelectuais — pintores, atores, escritores, jornalistas, poetas, caricaturistas e entalhadores — que se reunia na cervejaria Leão de Ouro, onde trocavam ideias e planeavam exposições. Este grupo surgiu numa altura de viragem no panorama artístico português.

²⁵ “Figura de Mulher” – MAM 1218; “Figura de Mulher Minhota” – MAM 1191; “Paisagem” – MAM 1196; “Paisagem, Margens do Nabão” – MAM 1193.

Outro artista que está representado na coleção do Capitão e que era um grande amigo de Almeida Moreira é António Ramalho (1858-1916). Este foi o primeiro discípulo de Silva Porto. Viveu durante quatro anos em Paris e o seu registo artístico manifesta-se através da fluidez da cor branca, o que acaba por construir a luz clara nas suas composições.

Almeida Moreira tinha por hábito escrever nos versos dos quadros, quando os artistas não o faziam. Podemos observá-lo em numerosas telas, onde o próprio escreveu a forma e as circunstâncias da aquisição da peça. Na exposição permanente do MAM, há quatro quadros pintados por António Ramalho. Dois deles têm no seu verso uma inscrição redigida pelo Capitão. Estas esclarecem que António Ramalho ofereceu os quadros a Francisco Almeida Moreira. “Foi-me dado pelo grande artista, dizendo-me que era um trecho que se via da janela do quarto que habitava no Quartier Latin”²⁶ e “Esta mancha é da mão do mestre pintor Português, António Ramalho, a qual por ele me foi dado no seu atelier na Escola de Belas Artes em Lisboa, em 1897. Francisco de Almeida”²⁷. Estas anotações ajudam a corroborar que António Ramalho foi grande amigo de Almeida Moreira.

José Malhoa (1855-1933), um reconhecido artista português e amigo de Almeida Moreira também integra a coleção particular do Capitão. Um dos quadros de José Malhoa em exposição no MAM, “Paisagem, Figueiró dos Vinhos” tem também uma inscrição feita por Almeida Moreira: “Oferta gentilíssima do grande mestre e meu amigo José Malhoa, em 6 de Março de 1928 (em Lisboa no seu atelier). F. de Almeida Moreira”²⁸.

Por fim, destaco Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929) que integra a coleção de pintura naturalista. Columbano foi chamado inúmeras vezes para engrandecer espaços nacionais e, na coleção privada de Almeida Moreira, encontram-se alguns estudos do artista que, depois da morte do pintor, a sua esposa, Emília Bordalo Pinheiro, ofereceu ao Capitão. A coleção particular tem um dos estudos de composição dos painéis da Sala dos Passos Perdidos da Assembleia da República, obra que ainda hoje pode ser vista neste importante edifício.

²⁶ Verso do quadro “Telhados de Paris” – MAM 1235.

²⁷ Verso do quadro “Paisagem” – MAM 1225.

²⁸ Verso do quadro “Paisagem, Figueiró dos Vinhos” – MAM 1197.

Outros artistas também de grande renome presentes na coleção privada de Almeida Moreira são Alfredo Keil²⁹, Joaquim Lopes³⁰, Ezequiel Pereira³¹, José Moura Girão³² e Luciano Freire³³.

No âmbito pintura modernista, existe apenas uma obra de Amadeo de Souza-Cardozo (1887-1918) intitulada “Mercado em Vila Cardoso”. Amadeo foi o pintor mais importante em Portugal na primeira metade do século XX, considerado como o pai do modernismo no nosso país e notado pela crítica internacional de pintura como pintor com mais técnica que Pablo Picasso. Infelizmente morreu bastante jovem vítima da epidemia pneumónica, depois de regressar a Portugal para tratar a sogra e a mulher que estariam doentes. Em arquivo do museu, podemos consultar um postal enviado por Amadeo a Almeida Moreira.

Ainda no plano da pintura, Almeida Moreira adquiriu bastante pintura religiosa; apesar de não ser crente apreciava e colecionava obras de arte religiosa. Com a publicação da Lei da Separação da Igreja do Estado adquiriu vários trabalhos para o MGV, porém em relação à sua coleção privada, desconhece-se a forma de obtenção das obras. Na arte sacra, destaco a obra mais antiga, datada a século XVI, atribuída a Henrique Fernandes, discípulo de Vasco Fernandes, intitulada S. Tiago.

As esculturas foram também peças que Almeida Moreira colecionou durante a vida. Destaco a escultura religiosa de um cristo de marfim indo-português; este é, de facto, diferente de muitos outros exemplares; Cristo está esculpido nas duas faces, o que não era usual, visto que o mais frequente era colocar um crucifixo com a parte de trás oculta. Este Cristo é decorado com rubis, os detalhes das feridas com sangue, e trata-se de uma das peças mais valiosas da coleção.

Esculturas não religiosas em exposição há apenas uma: o busto de Ramalho Ortigão de autoria de Teixeira Lopes (1866-1942); em reserva, podemos encontrar cerca de duas dezenas.

Em testamento, Francisco Almeida Moreira não deixou só as obras de arte que colecionava; deixou todo o recheio da casa com mobiliário incluído. É de destacar os canapés,

²⁹ Alfredo Keil (1850-1907): uma referência para Portugal, foi compositor da música do hino nacional “A Portuguesa” e dedicou-se à pintura desde da sua juventude, pintando sobretudo paisagens. As obras presentes na casa foram adquiridas ao filho de Alfredo Keil. Não há registo de nenhuma ligação pessoal com Almeida Moreira, mas o Capitão tinha grande admiração pelas obras do artista.

³⁰ Joaquim Lopes (1886-1956): grande amigo em quem Almeida Moreira deposita grande confiança no processo de organização e crescimento do MGV. Ofereceu inúmeras obras ao Capitão.

³¹ Ezequiel Pereira (1868-1943): discípulo de Silva Porto na Academia de Belas Artes de Lisboa.

³² José Moura Girão (1840-1916): dedica-se durante a sua vida a pintar galináceos em momentos humorísticos; foi membro do Grupo de Leão e trabalhou como conservador no Museu Nacional de Arte Antiga.

³³ Luciano Freire (1864-1935): distingue-se pelas suas paisagens melancólicas; foi responsável pelo restauro da obra de Vasco Fernandes e associado à recuperação dos Painéis de São Vicente.

feitos em pau-santo e palhinha, que atualmente estão em exposição na Sala da Lareira e na Sala da Companhia das Índias, serviam para receber os seus convidados. Outra peça que merece destaque são os contadores. Na coleção existem três pequenos e um com dimensões maiores, todos em exposição, não havendo nenhum nas reservas. Dois dos contadores mais pequenos são de madeira de pau-santo, sendo o outro de madeira de sisó; remontam todos ao século XVII. O contador de maior porte tem mesa própria e é de madeira de pau-santo com tremidos e ferragens e data da segunda metade do século XVIII.

A coleção de Almeida Moreira é composta por alguns milhares de peças e a cerâmica é uma das coleções com maior dimensão. Composta maioritariamente por faiança portuguesa, também incorpora faiança internacional. É importante referir que fábricas nacionais como Massarelos, Ratinhos e Ratos estão presentes na coleção do Capitão. Em exposição no museu, há faiança espanhola, marroquina, italiana, holandesa, francesa e inglesa, datada do século XVI ao século XX. Como homem viajado que foi, tentou sempre adquirir peças nas suas viagens, o que tornou a sua coleção amplamente diversificada. Para além disso, o seu gosto era do conhecimento dos seus amigos que sempre que viajavam tentavam trazer-lhe peças para sua enorme coleção. O acervo do museu conta também com porcelana chinesa da família Rosa e de Cantão. Estas peças chegaram à coleção por via das heranças de suas tias, Cândida e Dores. O Capitão era colecionador das mais diversas peças como paliteiros, floreiras, tinteiros e areeiros. Atualmente alguns destes exemplares estão expostos no museu, mas a maior quantidade encontra-se em reserva.

Ainda no campo da cerâmica, destaco Rafael Bordalo Pinheiro³⁴, irmão de Columbano Bordalo Pinheiro, também ele presente na coleção com uma das peças mais icónicas em exposição no museu: um galo com a cabeça de Eça de Queirós datado de 1910.

Almeida Moreira colecionou têxteis, vidros, ourivesaria e armaria, que atualmente não estão patentes em nenhuma exposição no Museu.

A coleção do capitão é, como podemos perceber, enormíssima e, presentemente, são poucas as peças que estão em exposição. As duas salas de reservas que o museu possui revelam-se pequenas para receber toda a sua coleção.

A acrescentar a tudo isto temos a documentação do Capitão. Esta é, sem dúvida, a maior coleção, pois é composta por mais de dez mil exemplares de postais, cartas, telegramas e livros.

³⁴ Rafael Bordalo Pinheiro (1846–1905): ligado a diversas atividades, destacou-se a nível da caricatura portuguesa, tornando o seu estilo único; fez também parte do Grupo Leão.

Através destes documentos, é possível conhecer mais sobre a vida desta personalidade e conhecer a realidade viseense e portuguesa da época.

É importante evidenciar que todas as peças em exposição permanente pertencem à coleção particular de Francisco Almeida Moreira.

2.3 Infraestrutura e serviços do Museu Almeida Moreira

2.3.1 Conceito de museu

O conceito de Museu ao longo dos séculos sofreu alterações e atualmente a sua definição pela International Council of Museums é: “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”³⁵.

No fim do século XX, houve um forte crescimento de espaços museológicos e isso deveu-se ao interesse da comunidade e das autarquias pela salvaguarda e conservação do património. Até aos dias de hoje mantém-se esse interesse pela conservação do património, contudo parece evidente que ainda é necessário desenvolver uma maior consciencialização patrimonial nas escolas e no meio familiar.

Ao visitar um museu, não devemos só esperar que nos seja dada a conhecer uma coleção; devemos esperar que, através das peças, sejam transmitidas informações de carácter histórico, económico, social ou cultural, já que “os museus são vistos como “guardiãs de memórias””³⁶. Não têm só como função a conservação do objeto, têm também a função de estudar o objeto para que este seja um elemento de informação. Os museus não são, por isso, apenas espaços de conservação, mas sim espaços comunicativos, de aprendizagem que adotam um papel considerável na comunidade.

O MAM é um grande exemplo disso. Ao longo de toda a exposição permanente, os objetos vão-nos contando histórias e proporcionam ao visitante uma experiência de contacto direto com a exposição. Com a observação das peças expostas, podemos conhecer a história de

³⁵ Disponível em <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> (acedido dia 10 de junho de 2019).

³⁶ GONÇALVES, M., *A Cultura material, a musealização e o turismo: a valorização da experiência turística nos museus nacionais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora, 2014, p. 151.

vida de Francisco Almeida Moreira, entender práticas do quotidiano da época e até mesmo conhecer outras personalidades e as suas obras.

2.3.2 Funcionamento do Museu Almeida Moreira

O museu encontra-se aberto de quarta-feira a domingo das 10 às 13 horas e das 14 horas às 18 horas; à terça-feira abre ao público só no período da tarde das 14 às 18 horas. Aos feriados também se encontra aberto, fechando somente a 1 de janeiro, 1 de maio, domingo de Páscoa e Natal, como nos museus pertencentes à Rede Municipal. A entrada no museu é gratuita, havendo apenas custo o de um euro, caso o visitante opte por visita guiada. Esta é gratuita para o público escolar, incluindo turmas de formação profissional e Universidade Sénior. A marcação da visita guiada deve ser realizada previamente, podendo ser efetuada pelos contactos de e-mail ou telefone, disponíveis no *website* da Câmara Municipal de Viseu. Em relação, às redes sociais o Município de Viseu optou por agrupar todos os museus municipais e assim criar um perfil único que é diariamente atualizado com curiosidades, eventos e publicidade relacionadas com os museus. É possível consultar os perfis “Museus de Viseu” no Instagram e no Facebook.

O MAM é da responsabilidade pública da Câmara Municipal de Viseu, sendo tutelado pelo Vereador da Cultura, Património, Turismo e Marketing Territorial, Dr.º Jorge Sobrado, e pela Chefe de Divisão, Dr.ª Dora Mariano.

2.3.3 Exposições permanentes e temporárias

O museu é composto por uma exposição permanente com uma pequena parte da coleção deixada à autarquia por Almeida Moreira. A exposição permanente situa-se no primeiro piso da casa e é organizada por cinco salas — Sala da Lareira, Sala de Arte Sacra, Sala da Companhia da Índia, Sala de Cerâmicas e Sala de Jantar — e duas galerias que incluem obras do final do romantismo até ao início do modernismo. No piso superior, encontra-se uma exposição temporária que apesar de ser identificada como tal, está patente desde da inauguração do museu em 2012. Nesta exposição são apresentadas cerca de três dezenas de obras de Almeida Moreira em aquarela. Nesta sala podemos deparar-nos com um dos dois momentos de multimédia apresentado ao visitante: numa televisão é transmitido o filme que Almeida Moreira mandou realizar em 1930 para publicitar a cidade de Viseu no país e no estrangeiro; é ainda transmitido um documentário sobre o Capitão e a sua vida; este foi realizado aquando da inauguração do museu em 2012 para apresentar o contexto da criação do museu ao público. Este tipo de

comunicação e interação é importante para cativar o público, apresentando-se como um dos momentos que mais capta a atenção dos visitantes. Ainda neste piso, em simultâneo com o filme e documentário, escuta-se uma música de fundo que proporciona ao visitante um ambiente agradável na visita. Ao descer a escadaria há ainda uma projeção de imagens de quando Almeida Moreira vivia na casa. Pode constatar-se aqui que a casa sofreu algumas alterações desde que Almeida Moreira faleceu; nesta projeção podem identificar-se peças que estão em exposição.

As salas de exposição permanente têm uma sequência clara e lógica, permitindo ao visitante realizar a visita sempre no mesmo sentido.

No piso térreo do museu, existe uma sala de exposições temporárias, sala essa com fácil acesso ao público, visto que é neste piso que se localiza a entrada para o museu.

As exposições temporárias têm três critérios para ser realizadas. De acordo com o primeiro critério, a exposição só será realizada caso o tema se relacione com o espaço, tal como aconteceu na exposição temporária realizada de 27 de outubro de 2018 a 20 de janeiro de 2019 (“A idade de ouro dos cartazes do Cinema Polaco”, organizada pelo Cine Clube de Viseu). A ligação desta exposição ao espaço deve-se à ocupação por parte do Cine Clube na década de 90 do auditório da casa para a realização de atividades culturais. O segundo critério remete para a ligação direta a Almeida Moreira; a exposição “Ligações Artísticas: Joaquim Lopes”, patente entre 27 de abril de 2018 e 30 de setembro de 2018, apresentou, pela primeira vez, estudos do Painel de Azulejos do Rossio, havendo aqui uma ligação clara ao patrono da casa, não só devido à grande amizade dos dois, mas também pela encomenda feita para os painéis do Rossio. O último critério é a ligação do tema da exposição à coleção. A exposição que inaugurou no dia 30 de março de 2019 e que terminou a 26 de maio de 2019, resulta deste último critério; na coleção de Almeida Moreira, estão em exposição três quadros de Alfredo Keil, o artista que deu origem à exposição temporária está, pois presente na coleção do Capitão oferecidos por Luís Keil depois do falecimento de seu pai. Se alguma proposta de exposição estiver dentro de um dos critérios, esta poderá vir a ser realizada no MAM, depois do parecer do Município de Viseu.

Em relação à montagem da exposição, esta pode ser levado a cabo somente pela equipa do museu com ajuda de *designers* ou poderá ser realizada em parceria com a entidade que propõe a exposição. A montagem da exposição é um trabalho de equipa; todos os funcionários participam e fazem um trabalho indispensável, colaborando em muitas etapas da montagem da exposição: seleção das peças, investigação do tema, construção do espaço, montagem da exposição, inauguração e acompanhamento dos visitantes ao longo da exposição. Numa

organização de uma exposição, surge como essencial o estudo dos objetos e entendimento das curiosidades do público; é nesta fase que a equipa do museu é crucial para a realização desse estudo.

2.3.4 Serviços do piso da entrada principal

É no rés de chão que se localiza a entrada principal e a receção. No átrio de entrada, localiza-se também a loja do museu, com *merchandising* próprio; nesta loja estão disponíveis produtos variados, desde material de papelaria a livros relacionados com Viseu e o seu património. Perto do balcão da receção, encontra-se uma televisão na qual se faz uma breve apresentação do museu e da sua coleção. Ainda neste espaço é situada uma sala que desde que o museu abriu já recebeu diversas funções: inicialmente a sala era destinada a atividades lúdicas, mas surgiu a necessidade, em algumas exposições temporárias, de ser uma sala de multimédia. Atualmente, a sua função irá alterar-se novamente, passando a receber os serviços de segurança e videovigilância. O procedimento para a contratação de uma equipa de segurança começou em 2018. Sendo imprescindível a segurança nos museus, houve necessidade de contratação de profissionais especializados para a vigilância noturna e vigilância durante o fim de semana, quando a equipa é reduzida. Atualmente, sempre que há visitantes no museu, os funcionários acompanham a visita pelas exposições sempre com o objetivo de controlar e proteger as peças. Junto às exposições temporárias, há uma outra sala que também já recebeu diversos serviços e atualmente serve de sala de atividades; anteriormente já funcionou como sala de projeção do filme que Almeida Moreira mandou fazer em 1930 e até mesmo como sala de uma exposição temporária. Ainda neste piso, encontram-se as casas de banho e o elevador que dá acesso aos pisos superiores.

2.3.5 Acessibilidade do Museu Almeida Moreira

Com vista a transformar a visita ao museu numa experiência memorável para pessoas de perfil diversificado, torna-se necessário explorar técnicas e tecnologias que permitam a criação de conteúdos informativos, didáticos e lúdicos que cativem o interesse e se adaptem às necessidades individuais de cada visitante³⁷.

³⁷ NEVES, Josélia, *Comunicação Multi-sensorial em contexto museológico*. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010, pp. 180-192.

A nível de acessibilidade, considerada como um objetivo indispensável aos museus, mas ao qual são impostos diversos obstáculos tanto a nível arquitetónico como de comunicação, o MAM apresenta várias propostas para dar a conhecer a sua coleção a todo o público. Para pessoas portadoras de deficiência visual, é facultado um guia de exposição escrito em braille e também há a hipótese da realização de um percurso tátil por algumas peças da coleção. A nível de deficiências motoras, o museu possui um elevador e uma rampa para ser utilizada na entrada da sala com um degrau; o espaçamento do mobiliário permite que seja feita uma visita sem grandes dificuldades, o que sem dúvida facilita a visita às pessoas portadoras de deficiência motora. Embora o museu já tenha várias iniciativas de inclusão, ainda há muito a ser feito.

A inclusão de todas as pessoas com deficiência é fundamental para o crescimento e desenvolvimento da instituição, as soluções encontradas, por exemplo, para cegos e surdos podem ser postas em prática para visitantes sem limitações. Presentemente, a equipa conta com um colaborador portador de deficiência visual que irá desenvolver um projeto para que pessoas com cegueira total e baixa visão possam fazer uma visita ao MAM sem condicionantes. A acessibilidade do espaço é fundamental, mas a acessibilidade à informação acaba por ser crucial quando se visita um museu.

2.3.6 Salas disponibilizadas para o serviço administrativo

Os gabinetes de direção e dos técnicos encontram-se também no piso térreo e é dentro dos gabinetes que está localizada a biblioteca. Este serviço irá abrir ao público, mas, por enquanto, ainda se encontra fechado visto que ainda se está a construir a base de dados dos livros. Acessíveis aos públicos estarão futuramente cartas, postais e documentação que o Capitão ao longo da vida conservou.

No último piso, encontram-se duas salas de reservas: uma destinada ao mobiliário e outra dedicada a todo o acervo que não está em exposição. Neste piso encontra-se ainda uma sala de arrumação de material de embalamento. O ideal nesta sala seria poder ter o mesmo espaço para o embalamento das obras, mas infelizmente este não possui espaço para o efeito. Atualmente, as salas de reservas não possuem qualquer tipo de equipamento necessário para as condições adequadas de conservação das peças.

O edifício do MAM era um edifício de habitação associado a um enorme valor histórico pelo que nunca poderá sofrer grandes alterações. Ao instalar um museu na casa Soar de Cima houve vários condicionantes, isto porque o espaço já estava pré-definido. Houve a necessidade

de criar novas salas com funções essenciais para o funcionamento do museu, não tendo sido possível instalar outras, porque o espaço já estava definido e era reduzido; acabou por usar-se pequenos espaços dentro da casa para instalar os serviços internos do museu. Neste caso, devido à falta de espaço, algumas áreas ficaram por criar.

O MAM não possui serviço de cafetaria nem de restaurante e, hoje, este tipo de serviços mostram-se indispensáveis para o aumento de visitas.

2.3.7 Controlo e proteção da coleção

As instalações possuem um equipamento para o controlo de temperatura e de humidade. Apesar do equipamento estar a funcionar, este controlo é difícil devido às janelas do edifício não terem qualquer tipo de isolamento, sendo ainda as janelas originais. Nas salas onde as janelas têm um nível de degradação elevado — Sala das Cerâmicas e Sala de Jantar — são colocados aquecedores para as temperaturas não serem demasiado baixas e assim não causarem grandes oscilações. As temperaturas baixas levam o nível de humidade subir, tornando assim as peças frágeis e vulneráveis à formação de fungos. O contrário também é prejudicial, ou seja, quando a temperatura aumenta, o nível de humidade desce e faz com que as substâncias orgânicas se tornem quebradiças.

Toda a iluminação das salas permite uma boa visibilidade sem afetar as peças; os focos de luz não estão efetivamente direcionados para as peças, mas estão direcionados de forma a que estas sobressaiam. É necessário haver um cuidado acrescido com a luz, isto porque é um dos fatores de degradação mais difícil de eliminar, por causa da necessidade permanente de iluminar os objetos.

Relativamente à proteção de peças e pinturas únicas da coleção, a equipa do museu apresenta especial cuidado. As vitrines do MAM são feitas de materiais e cores que não interferem com as obras, valorizando assim a peça. Dentro de vitrines estão expostas peças de grande valor e exemplares únicos, como é o caso de quatro exemplares de pintura sobre cobre que estão dentro de uma vitrine na Sala de Arte Sacra. A vitrine é uma forma de controlo das condições do ambiente e também uma forma de proteção ao toque. Outro exemplo é o único tapete de arraiolos existente na coleção que está em exposição em cima de uma caixa em vez de estar diretamente no chão para evitar que a peça seja pisada. Destaco ainda todo o acrílico que está por cima do mobiliário onde se encontram peças; este tem aqui a função de proteger o mobiliário das peças.

2.3.8 Gestão museológica do Museu Almeida Moreira

A gestão museológica, não é uma tarefa simples ao ponto de colocar peças em exposições, há todo um trabalho até que isso aconteça. É através do discurso expositivo que chegamos mais perto do público, a comunicação deve alcançar diversos objetivos de formas diferentes, a apresentação do património deve ser diferenciada consoante o público, por exemplo a visita guiada para o público mais jovem é diferente para o público mais velho.

Numa visita guiada realizada ao público mais novo, é apresentada a figura de Almeida Moreira em formato de desenhos animados; ao público mais velho é apresentada através de um documentário. O conhecimento transmitido na visita tem menor duração e quantidade para as crianças, tornando a aprendizagem mais didática e transformando o museu num instrumento necessário para a cultura e educação. Quando se está perante um grupo de adultos, procura-se que a visita ao museu seja fonte profunda de conhecimento.

O museu é uma instituição impulsionadora de conhecimento; através do estudo dos objetos e da cultura, dá a conhecer as peças no contexto histórico; para que isto seja cumprido, foram criadas práticas documentais facilitadoras da recolha de informação: a catalogação e a inventariação. A criação de um catálogo da exposição permanente do MAM está em curso e estará terminada ainda no presente ano. Em relação à inventariação das peças, o museu possui três tipos de fichas de inventário, sem datas de realização e com informação bastante reduzida, porém todas as peças estão inventariadas. Só em 2011, foi realizado um inventário fotográfico, porque até à data só existiam fotografias em formato papel das peças mais relevantes. Atualmente está a ser realizado um novo inventário com registos relevantes que irá permitir aprofundar a informação da peça, o seu historial e a atividade no museu. A realização deste inventário decorre com recurso a um programa especializado, facilitando assim a introdução dos dados e a sua consulta.

O contexto histórico e a informação sobre a coleção são esclarecimentos fundamentais que se devem dar ao visitante logo na primeira abordagem. No MAM, a função do funcionário na receção é essa: apresentar a casa e a sua coleção, entregar um *flyer*³⁸ com informações do Capitão e da sua coleção. Ao longo das salas de exposição, as peças estão identificadas com uma tabela com o nome da peça, matéria, data, autor ou oficina e número de inventário. Na galeria de pintura, processa-se de forma diferente. Os quadros são identificados com o nome, data, material, número de inventário e ainda informações sobre o artista em questão. A comunicação

³⁸ Ver anexo VII.

expositiva é fundamental, sendo que é através do discurso expositivo que é transmitida a informação das peças e dos diversos contextos da exposição. Todas as tabelas estão escritas somente na língua portuguesa.

O público tem uma grande importância no museu e ao longo dos anos é dada maior atenção às necessidades do público. O objetivo da Rede Municipal de Museus é sempre aumentar o número de visitantes, havendo sempre reuniões para discutir estratégias e apresentar resultados. Desde a inauguração do museu em dezembro de 2012, visitaram o MAM, até ao ano de 2018, 35 248 pessoas³⁹.

A contagem do público inicia-se na receção ao visitante. A este é sempre questionada⁴⁰ a cidade ou o país de origem, no caso de estrangeiro. Analisando as tabelas feitas mensalmente ao longo dos anos, podemos concluir que o mês com mais fluxo de visitantes é o mês de maio de 2013, justificando-se esta adesão pela comemoração do Dia Internacional e Noite dos Museus, onde são feitas diversas atividades comemorativas. Depois da análise, é ainda perceptível que o número de visitantes estrangeiros tem vindo a aumentar de ano para ano, mesmo em anos que o número total de visitantes desce comparativamente ao ano anterior; verificou-se que o país de origem do maior número de estrangeiros é Espanha.

Analisando o último ano (2018) em detalhe, podemos concluir que a faixa etária que mais visita o MAM é >56 com 1720 visitantes registados. De seguida, a faixa 46/55 com 793 visitantes, e posteriormente 36/45 com 732 visitantes. A faixa etária dos 18/25 é a que regista menos visitantes, 348 visitas. Houve necessidade de adotar novas estratégias para cativar esta faixa etária e, no início de 2019, houve uma forte aposta para atrair o público juvenil, oferecendo novas atividades. Os restantes resultados são: na faixa etária dos 0/5, 554 visitantes, dos 6/10, 444 visitantes, dos 11/17 358, visitantes e, por fim, dos 26/35, 448 visitas.

2.3.9 Serviço educativo no Museu Almeida Moreira

O serviço educativo é uma ferramenta de ajuda para os jovens e as crianças compreenderem o valor e a importância das coleções; acaba também por ser uma ferramenta de ajuda no espaço escolar, proporcionando uma partilha de conhecimento mais didática através de uma aprendizagem informal. A realização de visitas de estudo está a cargo do professor da

³⁹ 2012 – 331 visitantes; 2013 – 5858 visitantes; 2014 – 7091 visitantes; 2015 – 5479 visitantes; 2016 – 5696 visitantes; 2017 – 5396 visitantes; 2018 – 5397 visitantes.

⁴⁰ É preenchida uma tabela com faixas etárias dos 0-5; 6-10; 11-17; 18-25; 26-35; 46-55; >56 e de acordo com o género.

disciplina e torna-se por vezes complicado no caso do MAM conciliar o conceito do museu com o plano curricular. A verdade é que a temática do museu não se ajusta a nenhum plano de estudos, mas enquadra-se com a história da cidade de Viseu e, por isso, surge como um dos lugares de visita obrigatória para qualquer viseense. Sendo uma Casa-Museu, as atividades realizadas contribuem também para o entendimento do contexto histórico da época em questão, neste caso fins do século XIX e inícios do século XX.

No que diz respeito ao serviço educativo do museu, este é dividido em atividades destinadas ao público escolar e às famílias. As atividades e as oficinas são organizadas de diversas maneiras, existindo atividades permanentes que estão destinadas à exposição permanente que ajudam as crianças a conhecerem a coleção de uma forma mais informal. Existem ainda atividades organizadas para as diversas exposições temporárias e atividades estabelecidas para as diversas alturas do ano, como é o caso da Páscoa, Natal e férias escolares de verão. Todas as novas atividades referentes às exposições temporárias são planificadas no início de cada ano civil pela equipa do museu. O custo das atividades é de um euro, podendo ser gratuitas em alguns casos. Relativamente à planificação das atividades estas são organizadas para as várias idades, não deixando nenhum público fora do alcance, havendo assim atividades desde do pré-escolar, escolas básicas, secundárias e até ensino superior. Para o público mais velho, são sugeridas as oficinas familiares.

Uma das funções dos serviços educativos num museu é a aproximação da população mais jovem à instituição. A escola deve ser a instituição parceira privilegiada, por isso o museu deve procurar esta instituição e apresentar as suas iniciativas.

No entanto, não sendo só o público mais jovem importante para a transmissão de conhecimento, deve-se tentar chegar a todos os públicos, porque

as coleções reunidas nos museus, constituem um recurso de elevado potencial científico e cultural, passível de se exprimir, por um lado, pela investigação de base produzida sobre os materiais recolhidos, por outro, pela capacidade de problematizar, informar ou influenciar a opinião pública sobre a respetiva temática⁴¹.

O MAM acolhe ainda ciclos de conferências e colóquios. Atualmente acolhe uma iniciativa com a duração de um ano – “Linguagem da Arte”. Todos os meses é apresentada uma temática diferente pela professora Françoise Terseur.

⁴¹ BRANDÃO, José, *Ação Cultural e Educação em Museus*. In *Cadernos de Museologia*, n.º 5. Lisboa: ULHT, 2009, pp. 58-66.

2.4 Enquadramento programático do Museu Almeida Moreira

2.4.1 Missão, visão e valores do Museu Almeida Moreira

É importador referir que a missão, visão/objetivos e valores do MAM baseia-se nos mesmos valores dos restantes museus municipais, sendo que o município coordena todos os museus.

A grande missão do MAM passa pelo estudo, conservação, publicação e interpretação do acervo deixado em testamento por Francisco Almeida Moreira à Câmara Municipal de Viseu e pela sua preservação e valorização.

Os objetivos do museu enquanto guardião da coleção do ilustre viseense são:

- promoção do estudo de Francisco Almeida Moreira;
- elaboração de projetos de divulgação do acervo e do próprio museu;
- criação de exposições temáticas;
- desenvolvimento de reflexões sobre a realidade viseense da época;
- promoção de ações culturais e científicas que contemplem aspetos museológicos;
- diversificação dos públicos dos museus, implementando assim serviços educativos diversificados;
- impulsionamento do estudo do acervo artístico e documental do MAM.

Por fim, os valores pelos quais toda a RMMV se rege são o humanismo, a ética e a cidadania, o conhecimento e a inovação e a coesão Social.

Capítulo 3 – Estágio Curricular

3.1 Caracterização do estágio

O estágio curricular do Mestrado em Património Cultural e Museologia na vertente de Gestão e Programação iniciou-se a 2 de outubro de 2018 na Câmara Municipal de Viseu, mais precisamente no MAM com duração de seis meses.

Ao iniciar o estágio, reuni com a coordenadora do museu, Dr.^a Sandra Alves, e foi-me proposto o seguinte horário: terça-feira das 14 às 18 horas; de quarta-feira a domingo das 10 às 13 horas e das 14 até às 18 horas. Ao sábado e ao domingo, só estagiaria de duas em duas semanas. No final do estágio, dia 2 de abril de 2019, cumpri cerca de 750 horas.

Em relação ao plano de estágio a desenvolver, este seria composto por diversas atividades com os vários elementos da equipa do museu. Iniciado o estágio, o museu contava com uma equipa de quatro funcionários e cada um tinha, obviamente, a sua função. O funcionário Rúben Marques estava encarregue do inventário do acervo que está em reserva no museu. O colega João Clemente responsabilizava-se pelos livros deixados por Francisco Almeida Moreira em testamento à CMV e a sua função era organizar todos os livros pela CDU para futuramente se abrir a biblioteca do Capitão ao público. A funcionária Ana Correia também estava incumbida do acervo, mas da parte documental, catalogando a correspondência de Almeida Moreira. Por fim, a equipa contava também com Joana Morais a quem era confiado o tratamento do serviço educativo do museu. Ficou então decidido que eu iria acompanhar por um período de um mês cada um dos funcionários e assim passar por todos os postos do museu.

No primeiro dia de estágio, foi realizada uma visita guiada ao MAM com duração de uma hora para me dar a conhecer o espaço e a sua história. Ainda no mesmo dia, desloquei-me ao Museu de História da Cidade para me inteirar deste espaço, também coordenado pela Dr.^a Sandra Alves. Ao longo do estágio, apoiei em algumas atividades do serviço educativo do MHC.

Depois de conhecer o espaço, de fazer leitura de bibliografia relacionada com Almeida Moreira e de estar integrada na equipa, comecei a auxiliar o Rúben Marques, responsável pelo inventário das peças que estão em reserva. Durante o estágio curricular, decorria a aquisição de um programa informático com o objetivo de melhorar a gestão e a integração do património⁴². No entanto até este sistema ser implementado, houve a necessidade de se continuar o inventário

⁴² SISTEMAS DO FUTURO — Multimédia, Gestão e Arte, Lda.

de toda a coleção de Almeida Moreira. Apesar de todas as peças já estarem inventariadas, observam-se bastantes lacunas nas fichas de inventário datadas da década de 60 e 70.

A minha função durante o primeiro mês foi acompanhar todo o processo de inventariação das peças que estavam em reserva. O colega Rúben trabalhava sobretudo nas reservas, visto que todas as peças que estavam em exposição já estavam inventariadas. Na sala de reservas, não havia qualquer equipamento informático para inserir os dados nem qualquer gabinete onde pudesse tratar de todo o processo; por isso, o responsável por esta tarefa acabava por trabalhar na sala de exposições do segundo piso, que estava aberta ao público com uma exposição temporária. Não havendo equipamento informático, o funcionário Rúben executava todos os inventários à mão num caderno; mais tarde, eu tive como função passar em computador cada uma das fichas de inventário⁴³. Este processo foi feito por mim em cerca de 300 peças, sobretudo cerâmicas. Mais tarde, quando comecei a ficar mais à vontade com o processo, era eu própria que fazia a inventariação das peças na sala de reservas. Para preencher as fichas corretamente, tive que tirar medidas, fazer a descrição da peça, analisar o seu estado de conservação e fotografar em variados ângulos.

É importante frisar que para além de fazer o acompanhamento das funções dos colegas, também realizei a vigilância quer de visitas livres quer de visitas guiadas; acabei mesmo por fazer trabalho de receção; comecei acompanhada por um funcionário, mas, ao longo do tempo, encetei a tarefa sozinha; nestas circunstâncias, tinha que fazer uma apresentação do espaço e uma breve contextualização do patrono da casa.

Ainda no domínio do inventário, digitalizei fichas de inventários antigas com o objetivo da criação da base de dados digital e até mesmo para estas posteriormente integrarem as fichas de inventário que estavam a ser realizadas. Frequentei ainda uma formação realizada pela empresa Sistemas de Futuro no âmbito da realização do inventário.

O colega Rúben Marques delegou-me a responsabilidade pelas notas de imprensa. O museu recebe de segunda a sexta-feira o Diário de Viseu e de forma ocasional o Jornal da Beira. A minha função seria analisar os jornais, a fim de perceber se haveria alguma notícia relacionada com o museu ou com o patrono; caso houvesse, era necessário digitalizar a notícia, organizá-la no computador em pastas já criadas e recortar a notícia para fazer parte de um dossiê de notas de imprensa.

⁴³ Ver anexo XIII.

O trabalho desenvolvido com o funcionário João Clemente não ficou terminado, devido ao facto deste colega ter sido transferido para outro serviço a meio do meu estágio curricular. O João Clemente, ao longo da sua passagem pelo serviço do MAM, estava encarregue da organização de todos livros da coleção de Almeida Moreira; quando integrei a equipa, o seu trabalho já estava bastante avançado, pelo que só ajudei na organização da biblioteca propriamente dita. A biblioteca está organizada de acordo com a CDU, ou seja, organizada em classes. A minha função, enquanto auxiliei o colega, foi a criação de legendas para as prateleiras de acordo com a classificação. Antes desta função, o colega João colocou-me a par desta classificação e os seus critérios, tornando a organização mais inteligível. Ao terminar o estágio, a biblioteca ainda não estava aberta ao público, mas a sua inauguração, depois de alguns ajustes, estaria para breve. A aquisição do programa de gestão de património da empresa anteriormente mencionada irá facilitar a pesquisa das obras aos visitantes.

A funcionária Joana Morais também foi transferida de serviço em janeiro; apesar do sucedido ainda acompanhei vários trabalhos da mesma. Auxiliei na programação das atividades de Natal, nomeadamente na preparação do material necessário. A atividade intitulou-se “Perspetivas”; esteve em fase de testes e destinava-se ao público que frequentava o ensino superior. Realizei as atividades e dei algumas sugestões para o melhoramento das mesmas. A colega Joana deixou o serviço do MAM em janeiro e houve a necessidade de programar as atividades do serviço educativo para o presente ano em conjunto com a colega Ana Correia e com o João Clemente. Criaram-se novas atividades no âmbito das exposições que foram apresentadas na reunião realizada em dezembro. Desenvolvi as ideias em conjunto com a Ana Correia e construí as fichas de atividades, os testes das atividades e as fichas de divulgação, usadas para a apresentação das atividades ao público.

No final de 2018, enviei à Dr.^a Sandra uma proposta para um ciclo de conferências destinado a todos os funcionários da RMMV com intuito de renovar estratégias e atualizar conhecimentos a nível de gestão museológica. Esta proposta não foi concretizada, no entanto elaborei um plano de atividades com uma tabela de *framework* de construção de projeto⁴⁴.

Depois do término da exposição “A idade de ouro dos cartazes do Cinema Polaco”, a primeira exposição de 2019 que o museu recebeu foi “Alfredo Keil: um primeiro olhar”. Esta exposição mostrava obras do compositor do hino nacional português. Na preparação das atividades educativas para apresentar durante esta exposição, foi notório que as atividades anteriores envolviam muito a pintura; a equipa sentiu a necessidade de concretizar uma atividade

⁴⁴ Ver anexo XII.

que fosse buscar outra vertente do compositor, não repetindo outras atividades já realizadas no museu. Acabamos por decidir acolher outra faceta da personalidade em questão. Deliberou-se que devíamos optar pelo lado dos símbolos nacionais, já que Keil compôs a melodia da “A Portuguesa”. A proposta de atividades do museu foi a reprodução da bandeira nacional, visto que um dos responsáveis pela imagem da nova bandeira nacional, Columbano Bordalo Pinheiro, está presente na exposição permanente. A atividade consistiu em recorrer a materiais como papel colorido e papel já recortado com esfera armilar para se recriar a bandeira nacional, como se de um puzzle tratasse. Outra das atividades que poderia ser realizada no âmbito desta exposição era relacionada com o hino nacional: as crianças ouviam o hino e preenchiam as lacunas da letra no papel. Infelizmente, estas atividades nunca chegaram a ser levadas à prática, porque não houve divulgação das mesmas.

Apesar do meu estágio terminar no início de abril, fiz parte da planificação das atividades que se iam realizar posteriormente. A exposição seguinte à de Alfredo Keil tinha como principal foco a opinião dos estrangeiros na cidade de Viseu. Não estava ainda nada bem definido o que ia integrar a exposição, mas o assunto principal estava determinado. Foi a partir desta temática que se desenvolveram as atividades. Duas das três atividades planeadas tiveram a minha autoria, foram sugeridas à Dr.^a Sandra e, posteriormente, aceites.

A atividade “Caminhando com Chico” — que irá integrar um dos roteiros apresentados neste mesmo relatório — é uma das atividades que irá estar disponível durante a exposição “Viseu pelas bocas do mundo”. A atividade tem por base um *peddy paper*⁴⁵, no qual crianças dos seis aos quinze anos procuram espaços e lugares onde Francisco Almeida Moreira assumiu relevância na cidade de Viseu; para além do conhecimento dos espaços, há perguntas e desafios para as crianças completarem. A outra atividade proposta foi “O meu caderno de viagem”. Almeida Moreira ao longo da sua vida viajou muito e conheceu inúmeros países; sempre que o fazia tinha por hábito escrever num caderno, tornando-o assim o caderno de viagem daquela cidade ou país. Atualmente se consultarmos o arquivo do museu, conseguimos encontrar bastantes desses cadernos. O Capitão relatava os seus acontecimentos, desenhava pormenores e até anexava faturas e documentos relacionados com a viagem. A atividade que propus procura incentivar a criança a tomar para si o hábito de Almeida Moreira; propôs-se então uma atividade que consistia na criação de um caderno de viagens.

⁴⁵ Ver anexo XIII.

Em relação a esta exposição, ficou ainda acordada a rerepresentação de “O flash da minha viagem”. Esta oficina consiste na conceção de uma máquina fotográfica com recurso a materiais reciclados.

Ainda no âmbito do serviço educativo e em conjunto com a colega Ana Correia, desenvolveu-se a atividade para as férias escolares da Páscoa. Propôs-se a realização de um *peddy-paper* pela coleção de Almeida Moreira, tornando assim a visita ao museu mais divertida e descontraída para as crianças. A atividade denominou-se “Um ovo, dois ovos. Para os encontrar na casa do Chico terá de jogar”. Por fim no âmbito da exposição de presépios que se irá realizar em dezembro de 2019, foi planificada uma oficina que consiste na criação de um presépio dentro de um frasco de vidro reutilizado que, depois de terminado, irá parecer-se com um globo de neve.

O serviço educativo do MHC realiza-se de forma diferente, uma vez que as atividades destinadas aos mais novos alteram todos os meses. No MAM, as atividades variam com as exposições temporárias. No MHC, o alcance para o público mais jovem é maior comparativamente ao MAM devido à diversidade de atividades que são realizadas. Ao longo de todo o estágio, houve uma grande afluência de público, o que levou a que houvesse períodos em que prestei apoio neste museu. Aqui preparei materiais para as atividades e participando nas mesmas.

Em janeiro/fevereiro, grande parte da programação do meu estágio curricular não estava conforme a sua planificação. Muito do planificado não correu como planeado devido a circunstâncias que tanto eu como a Dr.^a Sandra não podíamos controlar. Apesar disso foram-me atribuídas outras funções para desenvolver até ao fim do estágio.

O colega Rúben em fevereiro abandonou o serviço na CMV para integrar outro município.

Ao longo do estágio, em paralelo com o acompanhamento da equipa, desempenhei serviços como: organização de atividades, organização de espaços para conferências, acompanhamento em inaugurações, entre outras funções que inicialmente não estavam planeadas.

No decorrer dos seis meses, a Dr.^a Sandra Alves pediu que realizasse a digitalização e organização de vários documentos relacionados com o processo de obras da Casa-Museu. Estes documentos que analisei foram essenciais e proveitosos para a realização deste relatório.

É importante referir que ao longo do estágio acompanhei duas desmontagens de exposição: “Exposição Artísticas: Joaquim Lopes, O painel de azulejos do Rossio” e “A idade do ouro dos cartazes de Cinema Polaco”; integrei a equipa, ajudei no embalamento das peças/quadros e arrumação da sala de exposições temporárias do rés do chão. Acompanhei também duas montagens: “A idade de ouro do Cinema Polaco” e “Alfredo Keil: o primeiro olhar”; tanto numa como noutra, apoiei na colocação dos quadros e ajudei em todo o processo de montagem de exposição. Distribuí ainda alguns cartazes relativos à inauguração de exposições nos museus do centro histórico da cidade de Viseu.

Durante todo o estágio, realizaram-se reuniões de equipa mensalmente com o objetivo de apresentar novas atividades, calendários e até mesmo para a Dr.^a Sandra ficar a par do que era desenvolvido e para se fazer o ponto da situação das tarefas; estive presente e participei em todas as reuniões com o mesmo empenho e responsabilidade de um funcionário.

No último mês de estágio, realizei pesquisa e leitura de bibliografia para a realização do relatório de estágio. Nesse mesmo mês, foi-me sugerido pela Dr.^a Sandra Alves a concretização de visitas guiadas. Ao longo do mês, acompanhei visitas e criei o meu próprio guião de visita baseado num outro já existente; no último dia de estágio realizei quatro visitas guiadas para um agrupamento de escolas do concelho de Viseu.

3.2 Proposta de três circuitos relacionados com Almeida Moreira

A realização deste estágio levou-me concluir que cativar o público a visitar um museu se apresenta como uma tarefa difícil; apesar de todas as atividades, visitas guiadas e até mesmo a gratuidade da entrada no museu não foram suficientes para granjear o aumento de público.

Sendo o MAM portador de uma herança de grande importância para a cidade, parece-me indispensável estruturar roteiros turísticos para divulgar as intervenções realizadas por Francisco Almeida Moreira. Ao estagiar durante seis meses no museu, foi possível inferir que o turista, ao visitar o MAM e ao conhecer a história do patrono da casa, tem interesse nos seus feitos; assim, como consequência deste interesse, parece-me inevitável arranjar forma de levar o visitante a conhecer as intervenções de Almeida Moreira pela cidade; desta forma comprometi-me a criar três circuitos no âmbito da vida do patrono do museu. Um circuito turístico é um “percurso integrado de todos os patrimónios, de curta duração, acessível a todos os públicos, mas segmentado, com uma identidade autónoma e inconfundível, organizado na perspetiva de

descoberta e usufruto”⁴⁶. O objetivo da criação destes circuitos é aumentar o tempo de passagem na cidade e a vontade de voltar para conhecer mais monumentos e museus que Viseu oferece. No decorrer da execução dos mesmos, optei por três circuitos para três públicos-alvo diferentes: crianças e jovens, famílias e público sénior.

3.2.1. Circuito para crianças e jovens

Propus um circuito em formato *peddy-paper* que, de uma forma descontraída e divertida, levasse por alguns locais relevantes onde Almeida Moreira fez algumas intervenções. Esta atividade foi proposta e posteriormente aceite à Dr.ª Sandra; durante a exposição “Viseu pelas bocas do mundo” fez parte do serviço educativo oferecido pelo museu.

O *peddy-paper* passa por seis pontos: MAM, CMV, Glorieta Tomás Ribeiro, Jardim das Mães, MGV e Cava de Viriato. Todos os locais têm algo a contar sobre Almeida Moreira e, em cada um, colocam-se perguntas relacionadas com o local ou com a intervenção do Capitão; todos os desafios propostos visam obtenção de pontos numa saudável competição. Através deste circuito um pouco diferente do normal, as crianças aprendem factos da vida de Francisco Almeida Moreira, conhecem locais importantes na cidade e algumas curiosidades dos mesmos. Não nos deparamos com uma explicação pormenorizada e exaustiva dos factos, porque se pretende uma aprendizagem mais leve, mas sempre com conteúdos importantes sobre o fundador do MGV. Este percurso está programado para ter uma duração de duas horas e apresenta-se com o nome “Caminhando com o Chico”.

3.2.2. Circuito para famílias

O início do circuito dá-se no MAM. Os jardins a visitar foram intervencionados por Almeida Moreira ou têm com ele alguma ligação. Ao longo da vida, o Capitão dedicou grande parte do seu tempo a embelezar a cidade de Viseu e é graças a ele que atualmente se pode chamar a Viseu “cidade-jardim”.

⁴⁶ QUEIRÓS, António dos Santos, *Os museus e o novo paradigma do Turismo*. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010, pp. 311-323.

1. Museu Almeida Moreira

O circuito começa no MAM onde se faz uma breve contextualização sobre Almeida Moreira; não haverá necessidade de fazer uma grande apresentação visto que se irá contar a vida e as várias facetas de Almeida Moreira enquanto se visita os outros locais.

2. Jardim das Mães

O jardim localiza-se entre a Praça da República e a Casa Soar de Cima; é uma homenagem a todas as mães e tem uma escultura de autoria Oliveira Ferreira datada de 1940. Este jardim foi uma obra da Comissão de Iniciativa de Turismo e da Comissão Administrativa do Município, às quais pertencia Almeida Moreira. O muro de suporte da balaustrada que separa o rossio do jardim foi mandado levantar por Almeida Moreira para a colocação do painel de azulejos.

3. Jardim Tomás Ribeiro

Concebido para comemoração do centenário de nascimento de Tomás Ribeiro, foi concebido por Almeida Moreira, enquanto dirigente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu, em 1931. Desenhado pelo Capitão, os azulejos são de autoria de Jorge Colaço, genro de Tomás Ribeiro; ainda na glorieta, apresentam-se estantes para a colocação de livros. A ideia para a concretização veio de uma exposição Ibero-Americana que Almeida Moreira visitou em 1929.

4. Parque Aquilino Ribeiro

Atualmente é o jardim da cidade, mas o espaço fez parte do antigo convento de Santo António dos Capuchos, onde, anos mais tarde, em 1845, foi incorporado o Quartel Militar de Viseu. No século XX, o Quartel foi demolido para abertura da atual Avenida 25 de Abril, não havendo atualmente qualquer tipo de vestígios do quartel.

Almeida Moreira pede transferência em 1903 para o Regimento de Infantaria n.º 14 e lá permaneceu até ao fim da sua carreira militar. De sua casa, o Capitão conseguia ver o quartel, inclusive há uma obra exposta no museu da autoria de Joaquim Lopes, grande amigo de Almeida Moreira, na qual pintou a vista de uma das varandas da casa; nessa pintura estão retratados o quartel e a Igreja dos Terceiros.

5. Parque do Fontelo

Estamos perante um espaço preservado dentro dos limites da cidade; ao longo da vida de Almeida Moreira, sofreu algumas intervenções realizadas pelo próprio. O Capitão mandou

construir os três portões monumentais⁴⁷ pela glória ao tão conhecido Grão Vasco; todas estas intervenções foram idealizadas pelo arquiteto e amigo Raul Lino.

6. Jardim de Santo António

Situado entre a Igreja de Santo António e o Teatro Viriato é mais um jardim que foi intervencionado pelo Capitão. Foram mandados colocar por Almeida Moreira os azulejos nos bancos do jardim. O jardim é muito sensorial, adaptado a invisuais; é possível usar olfato e o tato nos vários canteiros espalhados pelo jardim.

7. Cava de Viriato

A Cava de Viriato é um dos locais arqueológicos mais fascinantes da nossa Península e o maior monumento da cidade de Viseu. Almeida Moreira dedicou bastante tempo na reabilitação da Cava; esta encontrava-se à época abandonada e, em 1910, acaba por ser considerada Monumento Nacional. Em 1929, o Capitão introduziu na Feira de São Mateus um dia pago, o Dia de Viriato; as receitas obtidas serviam para a manutenção da Cava de Viriato. Em 1940, foi reforçado com uma estátua de autoria de Mariano Benlliure, encomendada por Almeida Moreira.

8. Jardim da Ribeira

Situado no campo onde se realiza a Feira de São Mateus e sendo um local que fez parte da vida de Almeida Moreira, faz todo o sentido incluir este lugar na visita. A Feira de São Mateus conta com 627 anos de história e é, atualmente, um grande evento a nível nacional.

A partir de 1927, impulsionado por Almeida Moreira o evento passava por uma renovação; nesta altura foi implementado um novo modelo de feira⁴⁸.

Este percurso apresenta-se como ideal para famílias devido aos locais visitados; os parques e os jardins que a cidade de Viseu oferece são uma ótima solução para programas familiares. Este percurso terá uma duração de duas horas e meia e não foi apresentado à Dr.^a Sandra, enquanto realizei o estágio curricular no MAM.

3.2.3 Circuito para o público sénior

O circuito proposto para o público sénior está programado para ser feito em dois dias e os pontos visitados serão também no âmbito da vida de Francisco Almeida Moreira.

⁴⁷ Portão da Estrada de Mangualde, Portão da Avenida José Relvas e Portão da Avenida António José Almeida.

⁴⁸ Feira-Exposição e Festa Popular, com concursos, provas desportivas, expositores e concertos. O registo implementado por Almeida Moreira não foge muito do que podemos encontrar atualmente na Feira de São Mateus.

Sendo este circuito destinado ao público sénior, um público mais maduro, a proposta de visita aos locais será mais extensa e complexa. Os pontos do circuito e as razões das visitas são apresentados de seguida.

1. Museu de História da Cidade

A visita a este museu para quem quer conhecer Viseu é fundamental; apresenta a história da cidade através de ícones de uma maneira muito interativa. No âmbito do percurso, é relevante porque faz referências a Francisco Almeida Moreira. Sendo um museu municipal, as visitas guiadas poderão ser pedidas sem qualquer custo.

2. Museu Almeida Moreira

Sendo o percurso no âmbito da vida de Francisco Almeida Moreira, fará todo o sentido depois de visitar o MHC colocar os participantes do circuito a par da vida do patrono.

3. Parque Aquilino Ribeiro

Os últimos dois pontos estão programados para ocupar uma manhã, sendo que o Parque Aquilino poderá ser visitado durante o almoço. A escolha do local não é apenas por ser um parque com condições para almoçar, mas também porque lá se localizava o edifício do antigo Regimento de Infantaria n.º 14. Durante a visita ao parque, será introduzida a fase da vida de Francisco Almeida Moreira enquanto militar.

4. Museu do Regimento de Infantaria n.º 14

Para terminar o dia, a visita ao Museu do Regimento de Infantaria n.º 14 seria a minha sugestão; possui uma exposição permanente com armas, equipamento militar e fardamento. Esta é uma visita gratuita que necessitará de marcação prévia.

5. Câmara Municipal de Viseu

O segundo dia começará com uma visita à CMV. Antes de iniciar a visita ao edifício, deve ser abordado a fase da vida Almeida Moreira como vereador e vice-presidente da câmara municipal, bem como as suas intervenções enquanto ocupava estes cargos.

A CMV chegou a estar sedeadada na Praça D. Duarte; depois de um incêndio, em 1796, houve a necessidade de construção de um novo edifício para acolher os Paços do Concelho e, em 1877, esta foi iniciada, na Praça da República, sob a direção do engenheiro José Matos Cid, estando apenas concluído já no início do século XX. É um edifício de dois pisos de bastante destaque e no seu interior distingue-se à entrada o lustre de ferro executado pelo conhecido Poeta

de Ferro, Arnaldo Malho (1880-1960). Junto ao Salão Nobre, salientam-se dois painéis de azulejos com motivos da indústria e agricultura realizados por José de Almeida e Silva; no teto o retrato de vinte e quatro⁴⁹ personagens importantes da Beira que contribuíram para o crescimento da história da cidade, também estes de autoria de Almeida e Silva.

6. Parque do Fontelo

Enquanto Vereador do Urbanismo, Estética e Jardins da CMV e dirigente da Comissão Iniciativa de Turismo, Almeida Moreira intervencionou vários jardins e espaços urbanos; o Parque do Fontelo é um desses exemplos. Será um bom espaço para visitar e observar as intervenções do Capitão. Atualmente o Parque do Fontelo conta com instalações desportivas e espaços de merenda, o que poderá ser uma boa hipótese para o almoço.

7. Sé de Viseu e Museu Grão Vasco

Almeida Moreira foi sem dúvida a personagem principal no processo de fundação do MGV e a visita ao local apresenta-se como vital. A sugestão passa inicialmente pela visita aos claustros da Sé de Viseu, de onde será possível ver as primeiras instalações do MGV; de seguida poderá realizar-se uma visita ao MGV. Aqui, o preço de entrada varia entre os dois e quatro euros, dependendo dos descontos.

Este roteiro em comparação com os dois anteriores é mais extenso, ocupando, por isso, dois dias de visitas à cidade. É um roteiro que proponho para o público sénior, mas que poderá ser realizado para qualquer público.

Este roteiro não foi apresentado à Dr.^a Sandra Alves no decorrer do estágio curricular.

Importa referir que os funcionários do MAM têm conhecimento e aptidões para concretizar os três roteiros propostos.

⁴⁹ Viriato, D. Duarte, Fernão Lopes, Gonçalo Bandeira, Vasco Fernandes, Luiz do Loureiro, João Barros, Gaspar Barreiros, Dr. Botelho Ribeiro, José de Mello Castro e Abreu, Baronesa da Silva, Dr. João Victorino, José de Almeida Furtado, Dr. António Nunes de Carvalho, José de Oliveira Berardo, António José Pereira, João Mendes, J. Almeida Martins, Dr. António da Silva Gaio, Thomaz Ribeiro, Emygdio Navarro, Viscondessa de S. Caetano, Alberto Sampaio, Dr. António Henriques da Silva.

3.3 Propostas de melhoramento no Museu Almeida Moreira e Rede Municipal de Museus de Viseu

No decorrer do estágio curricular, foram algumas as necessidades que fui sentido. Serve assim o presente subcapítulo para apresentar sugestões que possam ajudar a melhorar o funcionamento do MAM e da RMMV.

Nos primeiros dias do estágio, fui percebendo que serviços é que o museu oferece e os que não oferece. O serviço de cafetaria é um dos que não oferece; na minha opinião, este iria trazer mais visitantes ao museu. A verdade é que muitas das idas aos museus são efetivamente para visitar a loja e até mesmo o café. Sabemos que vivemos ainda num país em que a maior parte da população prefere frequentar um espaço de restauração ou de diversão a visitar um espaço cultural; os visitantes acabam por optar muitas vezes pelo divertimento em detrimento da educação e da cultura. A ser verdade este pressuposto, os museus têm que arranjar estratégias para cativar o visitante. A instalação de serviço de cafetaria ou de um restaurante acaba por ser uma dessas estratégias, podendo assim o visitante frequentar aqueles espaços e, ao mesmo tempo, visitar uma exposição. Virado para o Jardim das Mães no rés do chão, o edifício possui uma varanda com uma vista encantadora sobre o rossio. Apostar num serviço de cafetaria ou até na colocação de algumas mesas e cadeiras para os visitantes desfrutarem de um bom momento seria sem dúvida bem-sucedido.

Outro aspeto fundamental para aumentar a procura prende-se com a divulgação dos museus. A divulgação dos museus no Município de Viseu é uma incumbência do Departamento de Imagem e Comunicação da Câmara. No entanto, de acordo com o inquérito realizado aos coordenadores dos museus da rede, não se verifica que a divulgação chegue à população em geral. A aposta que, na minha opinião, iria sem dúvida beneficiar tanto o MAM como os restantes museus é a criação de uma maior e mais organizada divulgação dos eventos e das coleções; o facto de o MAM e os outros museus pertencentes à Rede Municipal terem redes sociais em conjunto não beneficia nenhum dos museus. Seria muito mais benéfico a cada museu ter a sua própria rede social para não haver informação dispersa a ser publicada sobre várias temáticas e eventos. Publicariam muito mais publicações durante uma semana com redes sociais próprias do que agora, visto que, atualmente, há somente um dia por semana para cada museu publicar no Facebook e no Instagram. O dia de publicação do MAM é a quarta-feira. Até a criação de um sítio próprio esta estratégia poderia beneficiar o museu, porque, apesar de haver um grande acesso ao Facebook, nem todos têm acesso essa plataforma. Ao procurar por MAM

no motor de busca do Google, a primeira ligação que aparece direciona para o *website* da CMV, no qual se pode ler uma breve apresentação do MAM. Esta não é, na minha perspetiva, uma descrição suficientemente apelativa. Poderia ainda incluir-se nesse sítio uma visita virtual ao MAM, iniciativa que a CMV já fez com o MHC.

No âmbito das redes sociais e na divulgação, uma das minhas sugestões assenta na disponibilização de uma rede de *wi-fi* dentro do museu; todos reconhecemos que a publicação de fotografias nas mais diversas plataformas da internet é um meio poderosíssimo de divulgação da coleção e do espaço.

Em relação aos turistas estrangeiros que não falam a língua portuguesa, creio que o museu não está suficientemente adaptado para os receber; na receção ao visitante é-lhe entregue uma folha com a tradução do desdobrável do museu; esta está disponível em duas línguas (inglês e francês). A maior dificuldade que o visitante vai sentir será, contudo nas exposições, uma vez que as tabelas informativas das peças estão todas em português e não há qualquer tradução. A minha sugestão é que estas tabelas passem a incluir a tradução pelo menos para a língua inglesa. A aquisição de áudio-guias também poderia ser uma solução para o turista estrangeiro mesmo que seja necessário a cobrança pelo seu aluguer; este apresentar-se-ia como um ponto forte do museu.

O Município de Viseu poderia ainda optar pela venda de bilhetes para visitas guiadas em grupo, formando assim um pacote com um valor significativamente mais baixo do que o preço individual. Sem dúvida que iria cativar o turista a visitar outros museus e a optar pelas visitas guiadas.

Para a coordenação de museu, o conhecimento das exigências do público é indispensável para a gestão do espaço. Sugiro que, de seis em seis meses, sejam feitos inquéritos de satisfação com um espaço para sugestões e críticas construtivas para que seja possível ter acesso à opinião dos visitantes e assim evoluir enquanto instituição.

Como já referido o edifício do MAM, foi um edifício doado com características de habitação; ao longo das obras de requalificação foi perdendo essa traça, no entanto o espaço apresenta algumas condicionantes para integrar um serviço de museu completo. Por exemplo, as duas salas de reservas existentes no segundo piso são salas pequenas para acolher toda a coleção de Francisco Almeida Moreira. a verdade é que toda a sua coleção que não está na exposição permanente está agrupada naquela sala, mas de uma forma pouco organizada e sem muitas condições de conservação. Nos gabinetes de trabalho acaba por existir o mesmo problema, o

espaço cada vez é mais pequeno. Com o passar do tempo, a documentação, os livros e peças da coleção começam a ser organizados e conservados de maneiras diferentes, aumentando a ocupação do espaço o que não é compatível com o que o museu dispõe para o serviço interno. A minha sugestão é aquisição do edifício na totalidade. Atualmente, a casa Soar de Cima acolhe dois serviços, o MAM e a Beira Amiga⁵⁰, uma instituição que nada tem a ver com a temática do edifício. A aquisição total da casa iria sem dúvida criar novas salas com funções essenciais para o museu. Os espaços que fazem mais falta ao museu são: um auditório, uma sala de restauro, um laboratório fotográfico e uma sala de arquivo. Provavelmente nem todos os espaços poderiam ser construídos com aquisição total do imóvel, no entanto haveria mais espaço, o que traria óbvias melhorias ao museu.

Em relação à Rede de Museus, esta precisa urgentemente de um regulamento; não podemos afirmar que o seu funcionamento não seja inteligível, mas há sempre pormenores que acabam por falhar por não estar devidamente explícitos em algum documento.

Por fim a sugestão que me parece mais urgente: a contratação de mais funcionários qualificados. Em abril, quando terminei o estágio curricular o museu contava com uma equipa de três funcionários da CMV e mais dois funcionários externos ao serviço. A formação académica da equipa era básica. Numa equipa de cinco elementos, só dois funcionários tinham como habilitações académicas curso superior; na minha perspetiva, é uma grande falha visto que há necessidade de haver uma formação académica diversificada e qualificada num museu. A minha sugestão é que o museu tenha uma equipa com funcionários qualificados em línguas, multimédia, história, gestão patrimonial e ciências da informação.

É fundamental numa equipa de museu haver funcionários formados em línguas/tradução para fazer o acompanhamento de visitantes estrangeiros e, se necessário, fazer visitas guiadas em outras línguas. No próprio trabalho de dia a dia haverá sempre tarefas para as quais são precisas traduções. Em concreto no MAM, podemos encontrar no espólio de Almeida Moreira uma parte significativa da documentação em línguas estrangeiras.

Outra área bastante relevante que deve ser uma aposta para qualquer tipo de museu é a multimédia. Cada vez é mais difícil cativar o visitante de um museu; muitas das vezes quando este realiza a visita e não há elementos que o encantem, acaba mesmo por abandonar o museu a meio do seu percurso. Para que isso deixe de acontecer, na minha opinião, deve-se acompanhar a realidade do público; cada vez mais as novas tecnologias prendem as pessoas, fazendo com que

⁵⁰ Instituição de apoio ao consumidor e apoio a famílias em endividamento.

deixem de sair à rua. Um funcionário formado em multimédia num museu poderá encontrar novas estratégias e formas de cativar o visitante, principalmente os mais novos. Ao longo dos seis meses de estágio, enquanto fazia o acompanhamento de visitas guiadas de escolas e de tempos livres, o despertar das crianças acontecia quando se chegava à galeria dois, onde estava presente uma mesa multimédia que estava desligada por não estar a funcionar corretamente. Este facto vem justamente comprovar o que defendo.

Um funcionário formado na área de história seria uma boa aposta no MAM. Se analisarmos a missão e os objetivos do MAM é notória a importância que é dada à investigação tanto da vida do Capitão como do contexto social em que este viveu. Um funcionário que esteja por dentro deste contexto poderá fazer uma investigação muito mais completa e detalhada sobre a vida de Francisco Almeida Moreira.

Em relação à gestão patrimonial e museológica, o museu conta com duas funcionárias formadas na área que sem dúvida trazem conhecimento e estratégias na gestão do espaço.

Ainda dentro da contratação de funcionários qualificados e em específico para o MAM, um profissional com conhecimentos em ciências de informação é importante já que em testamento foi deixado uma coleção bastante significativa de livros que precisam de ser conservados e catalogados da melhor maneira.

A última sugestão que deixo é mesmo a contratação de recursos humanos, a falta de funcionários acaba por se notar mais ao fim de semana, chegando a haver apenas duas pessoas ao serviço com atendimento na receção, vigilância de visitas e caso haja marcação para atividades ou visitas guiadas, torna-se bastante complicado realizar um trabalho com qualidade.

3.3.1 Nova museologia e Museu Almeida Moreira

Dentro dos avanços da museologia, evidencia-se a Nova Museologia. É difícil falar deste movimento sem fazer referência à Declaração de Quebec, em 1984, onde foi defendido o reconhecimento e a promoção de novas práticas museológicas.

O movimento fundador da museologia foi a Museologia Tradicional, surge “no final do século XVIII, no seio das revoluções europeias e das transformações ideológicas, sociais e políticas”⁵¹. Neste movimento destacam-se a identidade nacional e a produção cultural erudita; este tipo de movimento é compatível com regimes liberais conservadores, monarquias

⁵¹ MUCHACHO, Rute M. de Silva Proença, *Museu e novos media: A redefinição do espaço museológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009, p.11.

autocráticas e ditaduras autoritárias ou totalitárias. O seu discurso expositivo é pormenorizado e chega a ser cansativo. O museu tradicional, geralmente, tem só a exposição permanente e não há investigação na coleção. Em relação ao seu público, este é diferenciado devido às perspetivas ideológicas e culturais, sendo os adultos pertencentes às classes médias e altas o público-alvo. Enquanto a Museologia Tradicional se centra na ação da coleção e dos seus objetos, a Nova Museologia foca-se na utilização do património local para originar o desenvolvimento local. Este novo movimento surge no pós II Guerra Mundial e “é a Ciência que estuda a história dos Museus e que se distingue do anterior conceito por ter como objetivo principal o ser humano”⁵². Este novo movimento é adotado por regimes democráticos ou demoliberais avançados. O grande princípio deste movimento é a função pedagógica compreendida como apoio para o desenvolvimento local de uma comunidade.

Na minha opinião, o MAM tem como base vários princípios da Nova Museologia, sendo que o importante não é o número de visitantes, mas sim os conteúdos que são transmitidos ao público. A função do museu é ser um instrumento de educação e cultura; a elaboração de atividades tem por base a prática social e não as coleções, o que acontece com museus que adotam o movimento de museologia tradicional. No MAM, não há acolhimento diferenciado de público devido à sua identidade e cultura, é desenvolvida uma ação comunicativa dos técnicos que visa o entendimento e o desenvolvimento social. A conservação e preservação é uma das maiores preocupações na gestão do museu a par da investigação e comunicação; estas três preocupações são tidas em conta da mesma maneira sempre com o objetivo de enriquecer o museu.

De facto, a gestão do MAM é feita com base nos princípios da Nova Museologia e não há necessidade de algo ser mudado por não estar a respeitar os princípios desta teoria. Todas as minhas sugestões são feitas com o objetivo do MAM se atualizar perante a evolução da sociedade.

⁵² AMADO, M., *O museu do pão em Seia: Uma iniciativa de desenvolvimento local com expressão nacional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

Conclusão

Ao longo da concretização do estágio, procurei ser uma mais-valia no MAM; realizei tarefas no âmbito do serviço educativo, da inventariação de peças, da criação de um arquivo digital, do atendimento ao público e acabei mesmo por realizar visitas guiadas. Frequentei o estágio durante seis meses e exerci funções semelhantes às de um funcionário. Sinto que contribuí para a evolução do museu e do seu funcionamento.

O MAM é um museu dinâmico com bastante potencial, porém os cinco mil visitantes que tem anualmente não traduzem esta afirmação. O grave problema que o museu tem é a pouca divulgação. Na mesma cidade e a poucos metros do edifício do museu, localiza-se um museu nacional, o MGv, o qual, no último ano, registou cerca de 57 862 visitas, enquanto que o MAM registou 5 397 visitas. Em virtude do que foi mencionado conseguimos perceber que o Museu Nacional tem cerca de quase onze vezes mais visitantes do que o Museu Municipal. Estes resultados poderão ser aceitáveis noutros museus, não no MAM, porque este tem incluídos na sua coleção bastantes artistas que também estão representados no MGv. Não poderemos nunca ignorar que o MGv tem tantos artistas e tantas obras devido a Francisco Almeida Moreira. É possível afirmar que se uma das maiores coleções de quadros de Columbano Bordalo Pinheiro se encontra no MGv tal facto se deve a Almeida Moreira. São poucos os visitantes que quando se deslocam ao MAM e é apresentado Francisco Almeida Moreira sabem quem foi este importante viseense. No entanto a maior parte deles já visitou o MGv. Apesar do MAM ser um museu municipal tal não o impede de ter uma coleção de enorme valor. É contudo natural que a classificação de museu nacional acabe por interferir na escolha de um turista. A maior falha da RMMV passa, efetivamente, pela a fraca publicidade que faz aos seus museus e ao seu património.

O MAM possui uma coleção de grande valor para a cidade e até mesmo para o país; o patrono da casa foi um homem importantíssimo para a cidade de Viseu e não deve ser esquecido, porque viveu para Viseu; cabe à CMV não deixar que o seu nome e a sua casa se percam na indiferença.

Foi fundamental observar toda atividade profissional no museu e compreender todos os passos necessários para a criação de novas exposições, atividades e eventos. Compreendi o quanto são necessárias a pesquisa e a adoção de novas estratégias para conseguir alcançar o objetivo de qualquer museu, o aumento de número de visitantes e, conseqüentemente, o aumento

do conhecimento transmitido. Foram implementadas atividades que, apesar de não estarem diretamente ligadas à coleção e à casa, foram recebidas pelo museu com o fim de acolher públicos mais diversificados e incentivar a visita. Graças à participação e observação que realizei durante o estágio, posso concluir que a equipa é dinâmica e tem sempre como objetivo a evolução do museu.

Procurei que a matéria deste relatório de estágio incidisse maioritariamente em Francisco Almeida Moreira e no processo de criação da Casa-Museu, apresentando assim factos e feitos da vida do Capitão.

Em relação à RMMV, senti alguma dificuldade por falta de recursos bibliográficos.

Sinto que o primeiro capítulo poderia ter sido mais desenvolvido. Tal acabou por não acontecer devido a inexistência de um regulamento. Ao longo do estágio e durante a produção do relatório foram necessárias diversas alterações devido à falta de bibliografia e de tempo; na verdade, os seis meses de estágio foram utilizados maioritariamente para o desenvolvimento de funções profissionais em prol do museu, algo que para mim foi fundamental nesta experiência, já que assim desenvolvi o primeiro contacto profissional em museus. Esta tarefa desenrolou-se de forma serena em virtude dos conhecimentos adquiridos no primeiro ano do mestrado.

Um dos maiores objetivos do estágio (e do relatório de estágio) foi a realização de uma análise crítica da instituição acolhedora e a sugestão de novas estratégias e alterações para melhorar o seu funcionamento.

Em suma, a realização do estágio curricular no segundo ano de mestrado foi absolutamente significativa e marcante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Bibliografia

- AFONSO, Olívia Machado, *Análise da importância vs satisfação na Gestão do Museu do Abade de Baçal de Bragança*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Politécnico de Bragança, 2016.
- AMARELO, Júlio, Carta enviada pelo Vice-presidente da Câmara de Viseu, Dr. Júlio Amarelo, ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian a 29 de Julho de 1963.
- BINA, Eliene Dourado, *Museu: Espaços de Comunicação, interação e mediação cultural*. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010, pp. 8-18.
- BRANDÃO, José, *Ação cultural e educação em museus*. In: Cadernos de Museologia, n.º 5. Lisboa: ULHT, 2009, pp. 58-66. (versão eletrónica acedida no dia 18 de junho de 2019 <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/22>)
- CABRAL, Magaly, *Educação, em museus casas históricas*. s.d. (versão eletrónica acedida no dia 29 de julho de 2019 http://www.casaruibarbosa.gov.br/paracrianças/arquivos/file/arq_textos/Educacao_em_Museus.pdf)
- CASTELO, Maria, *Um Contributo para a Estruturação e Criação do Serviço Educativo da Casa dos Patudos - Museu de Alpiarça, com vista à Valorização do Património Histórico e Cultural*. Relatório de estágio de Mestrado apresentado à Universidade de Évora, 2014.
- COIMBRA Câmara Municipal, *A República, os museus e o património*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2011.
- ELIAS, Margarida, *O Grupo do Leão de Columbano Bordalo Pinheiro*. In: Revista do IHA, n.º 5. Lisboa: Instituto de História de Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL, 2008, pp. 152-167.
- EZEQUIEL, Cátia Silva Martins, *O Serviço Educativo como mediador entre a Coleção António Cachola e os públicos — Programa “Uma obra para todos”*. Relatório de estágio de Mestrado apresentado ao Instituto Politécnico de Leiria, 2014.
- FERNANDES, Luís, *Almeida Moreira e a renovação da Feira de S. Mateus (1927-1935)*. Viseu: Feira São Mateus, 2013.

- GONÇALVES, M., *A Cultura material, a musealização e o turismo: a valorização da experiência turística nos museus nacionais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora, 2014.
- LACERDA, Aarão, *Arte Portuguesa/ O Museu de Grão Vasco*. Coimbra: Edição do Autor, 1917.
- MENDES, José M. Amado, *Estudos do património: museus e educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.
- MOREIRA, Francisco Almeida, *Cartas de Almeida Moreira a Joaquim Lopes (1919-1939)*. Viseu: Quartzos Editora, 2013.
- MUCHACHO, Rute M. da Silva Proença, *Museu e novos media: A redefinição do espaço museológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009.
- NEVES, Josélia, *Comunicação Multi-sensorial em contexto museológico*. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010, pp. 180-192
- OLIVEIRA, Ana José A. C., *Rede Municipal de Museus de Santa Maria da Feira-um modelo organizacional*. s.d. (versão eletrónica acedida no dia 10 de maio de 2019 <http://www.museudodouro.pt/tpls/mu/files/encontros/pdf/anaoliveira.pdf>)
- OLIVEIRA, Ana Maria Constante de., *Rede de Museus Municipais – Rede de Museus Municipais/ Gestão e Implementação de estratégias/ Casos de Cascais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, 2007.
- PAIVA, Odete, et al., *Paços do Concelho / 100 anos*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 2016.
- QUEIRÓS, António dos Santos, *Os museus e o novo paradigma do Turismo*. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2010, pp. 311-323.
- RAMOS, Paulo Oliveira, *Iniciação à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
- SILVA, Alcina, *Almeida Moreira Vida e Obra, Revista “Beira Alta”*. Vol. LI, fascículo 3 e 4, 3.º e 4.º Trimestre. Local: editora, 1992.
- Testamento de Almeida Moreira – 1939
- VALE, A. de Lucena, *Viseu monumental e artístico*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 1949.

Referências eletrónicas

<https://www.cm-viseu.pt> (acedido pela última vez dia 20 de julho de 2019)

<http://fotosviseu.blogspot.com/2016/05/palacete-do-conselheiro-afonso-de-melo.html>

(acedido dia 9 de maio de 2019)

<https://amusearte.hypotheses.org/1955> (acedido pela última vez dia 14 de junho de 2019)

<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> (acedido dia 10 de junho de 2019)

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/> (acedido pela última vez dia 20 de junho de 2019)

<https://www.jornaldocentro.pt/online/cultura/museu-nacional-grao-vasco-com-quebra-acentuada-de-visitantes-em-2018/> (acedido dia 17 de junho de 2019)

<https://visitviseu.pt> (acedido pela última vez dia 30 de julho de 2019)

Legislação

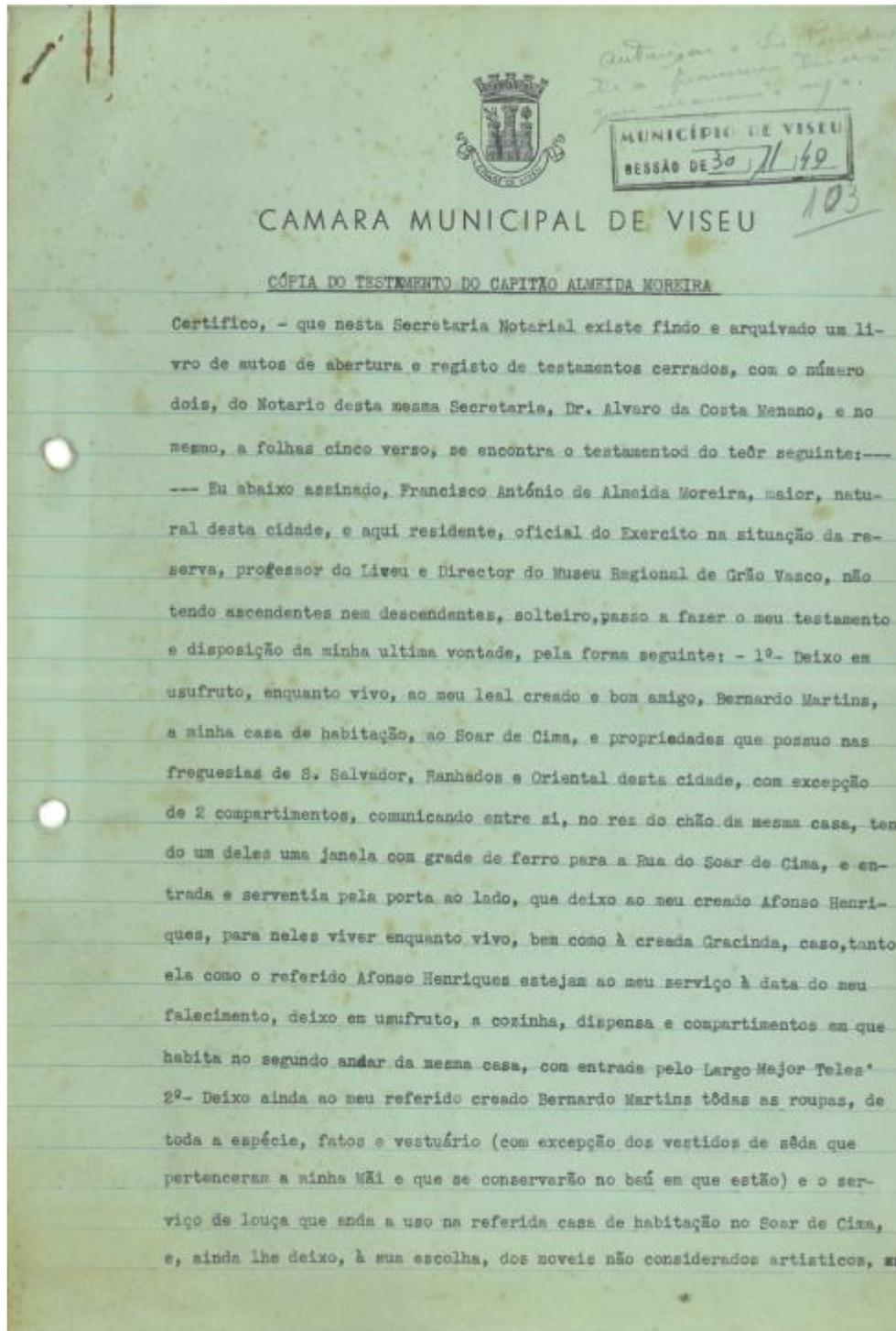
Decreto n.º 256 – Diário do Governo n.º 305/1913, Série I de 1913-12-31.

Outros documentos

Questionário realizado aos coordenadores dos museus da Rede Municipal de Museus de Viseu

ANEXOS

Anexo I – Cópia do Testamento do Capitão Almeida Moreira



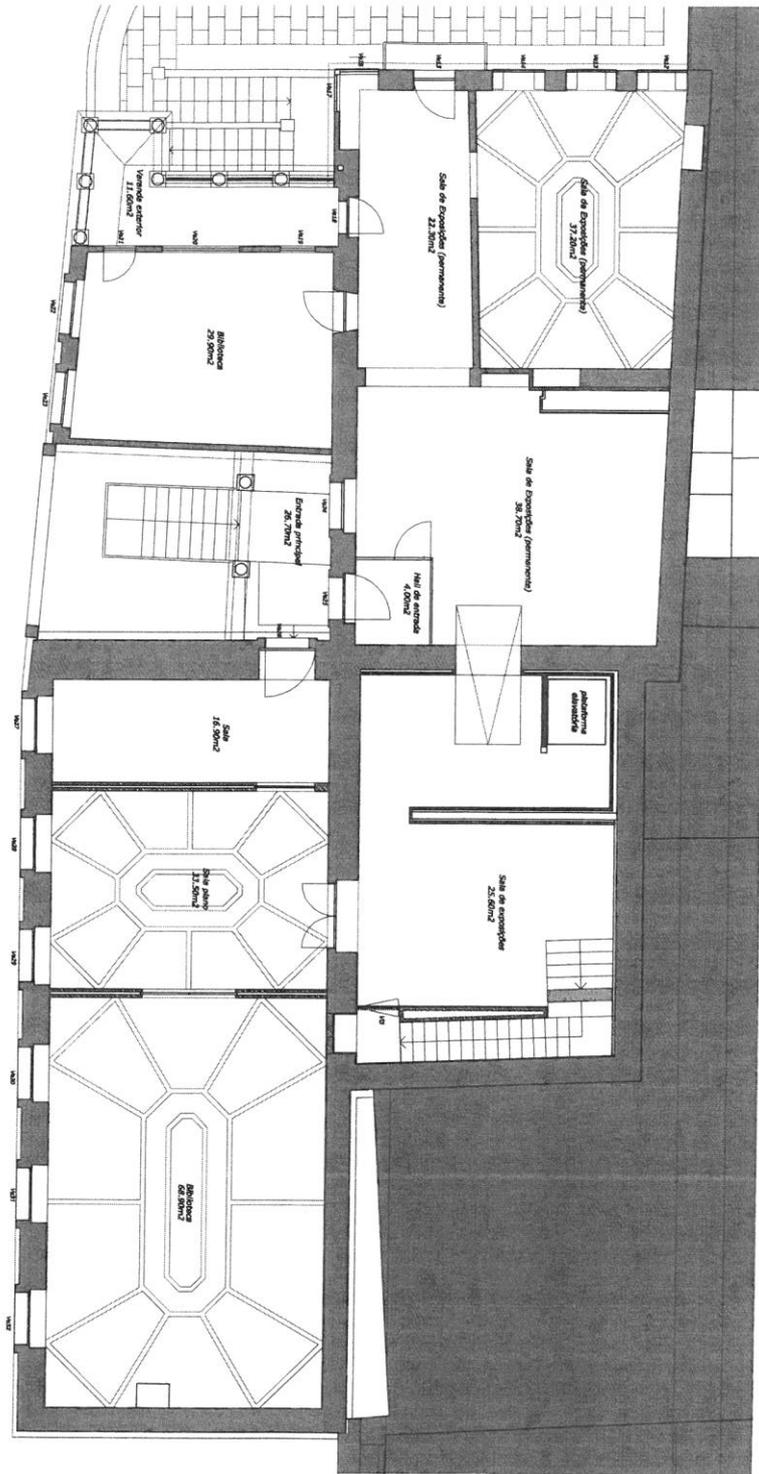
aqueles que se lhe tornarem necessários para seu uso e bem estar no resto da sua vida, bem como o fogão e trem de cozinha, - 5º- Bem assim deixo aos creados Gracinda e Afonso Henriques se ainda estiverem ao meu serviço, os moveis de seu uso existentes nos quartos que habitam, assim como as roupas de casa também de seu uso. 4º- Deixo a minha afillhada Maria Julia da Cunha, o faqueiro de prata mais completo e menos em uso dos dois que possuo, - 5º- A carvalha existente no Largo da povoação de Paradinha, que é um lindo exemplar, bem como outra cervalha, que é uma frondosa e formosa arvore, muito do meu agrado, existentes na minha propriedade denominada "O Bacelo" no mesmo lute de Paradinha, deixo-as à Junta de Freguesia de S. Salvador, com a obrigação de olhar pela sua conservação, não podendo, em caso alguma, serem cortadas; 6º- A propriedade de todos os bens rusticos e urbanos que possuo nas referidas freguesias de Ranhados e S. Salvador, e a casa da estrada ao Serrado(S. Martinho) na freguesia Oriental desta cidade, deixo-a ao "Hospital Dr. Almeida", na vila de Mangualde, como preito à memoria do seu benemerito fundador, o meu saudoso e sempre lembrado tio, Dr. Antónia José António de Almeida; 7º- Deixo à cidade de Viseu, representada pela Câmara Municipal, a propriedade da minha casa de habitação no Soar de Cima desta cidade, com todos os objectos artisticos: pratas (com excepção feita no anterior nº 4º), casquinhas, móveis, louças, (não se compreendendo o serviço que anda a uso), faianças, porcelanas, quadros a olio, aguarelas, gravuras, miniaturas, desenhos, livros, jornais, cobertas de damasco, bordados e estampados, enfim, todos os objectos artisticos, existentes na citada casa, com obrigação para a referida Câmara Municipal de conservar os diferentes compartimentos tal qual se acham, como que habitada a casa, assim transformada num pequeno Museu="Biblioteca-Casa-Museu- Biblioteca"



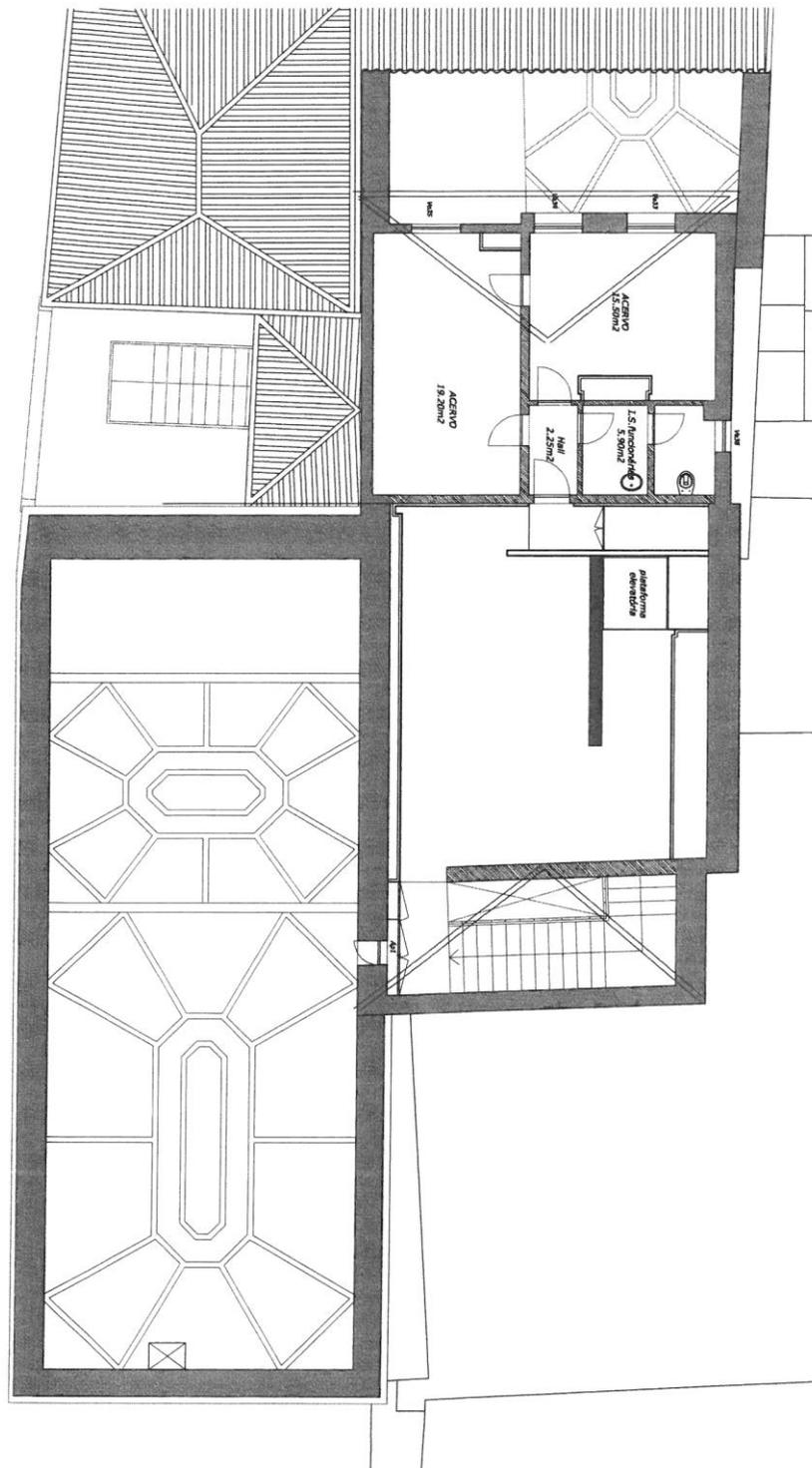
CAMARA MUNICIPAL DE VISEU

deixando-a assim, única e universal herdeira, deduzidos os legados feitos.-
Confio em que a Câmara Municipal da minha terra, que eu tanto amo, saberá,
conservar e até mesmo auferir - sem alterar de modo algum, o que está feito,
como base fundamental, este pequeno núcleo de "Museu-Biblioteca" que lhe lego
como tributo do grande amor que sempre tive pela minha terra, a qual, sempre
e acima de tudo, procurei servir e engrandecer o mais e melhor que pude. -
Por este testamento revogo qualquer outro anterior. Nomeio meu testamentário
em primeiro lugar o Doutor José Julio Cesar, meu dedicado e querido amigo,
em segundo lugar seu filho Américo de Reboredo Sampaio e Melo, em terceiro
Cristovão Moreira de Figueiredo, deixando ao seu arbitrio tudo quanto res-
peita ao meu funeral, recomendando-lhes, porém, a maior simplicidade e mo-
déstia, pedindo-lhes faça cumprir este meu testamento e disposição de minha
última vontade, e que por mim vá assinado e rubricado. Viseu, 8 de Abril
de 1938. (a)Francisco António de Almeida Moreira.

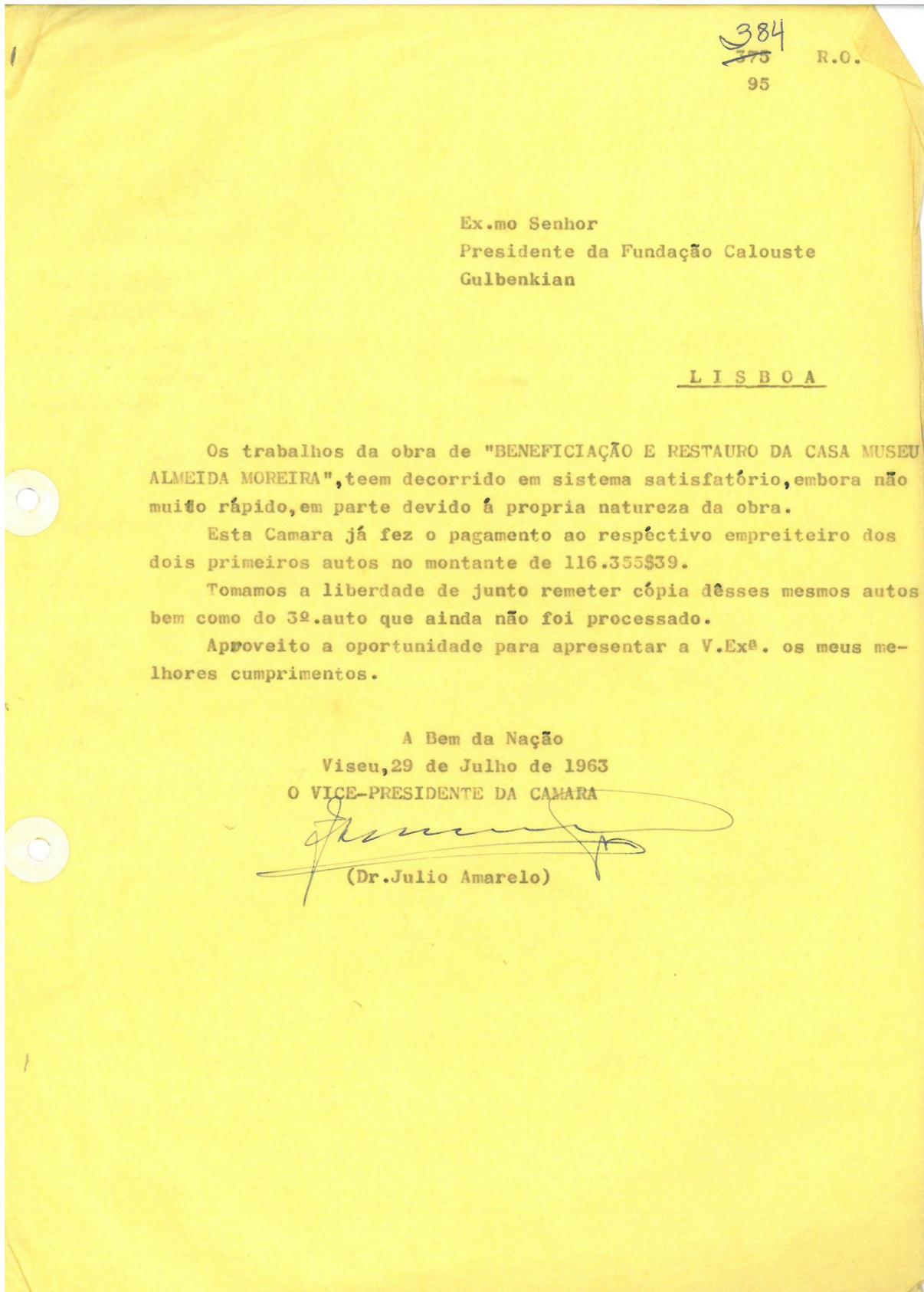
Anexo IV – Planta do Piso 1

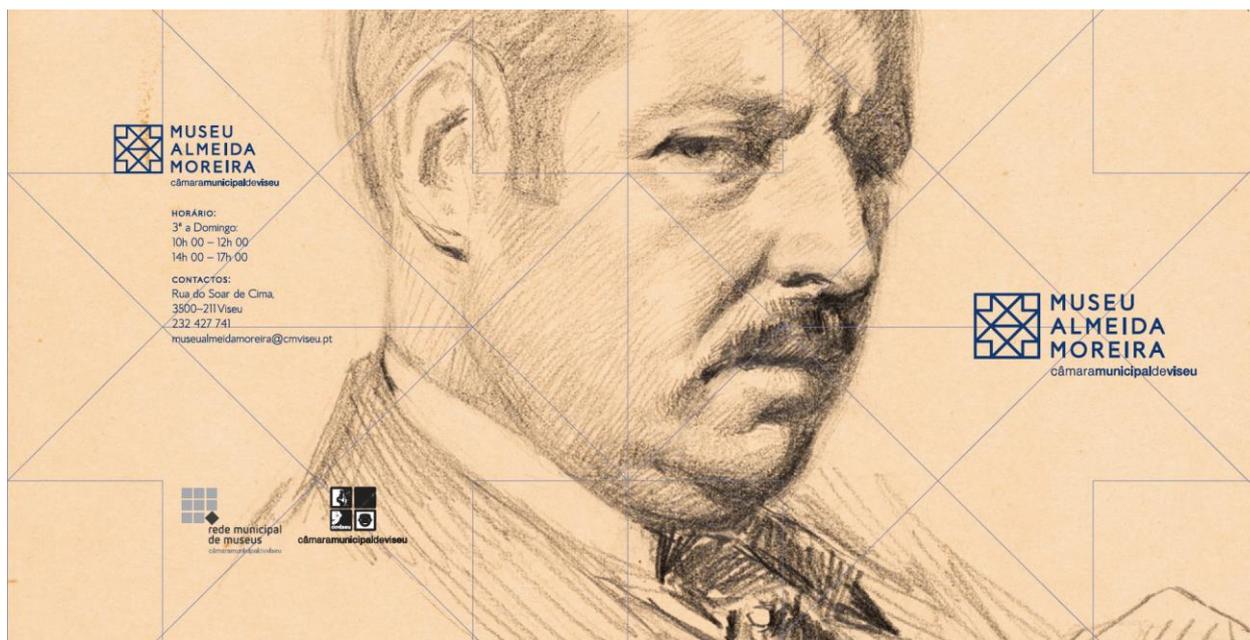


Anexo V – Planta Piso 2



Anexo VI – Carta enviada pelo Vice-presidente da Câmara de Viseu, Dr. Júlio Amarelo, ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian a 29 de julho de 1963.





Anexo VII – Flyer de apresentação do museu e da exposição permanente

Museu do Cinema de Melgaço
Colecção Jean-Loup Passek

A IDADE DE OURO DO CARTAZ DE CINEMA POLACO

27.10.2018
20.01.2019

– MUSEU ALMEIDA MOREIRA Entrada livre

A arte do cartaz faz parte da história cultural da Polónia. Após a 2.ª Guerra Mundial e a instauração do regime socialista, no país, essa arte da rua que é o cartaz, graças a uma inquestionável qualidade estética e diversidade de estilos, deu origem a uma verdadeira «escola» de grande renome que influenciou criadores alé-
fronteiras, desde o Japão, a França ou Cuba.

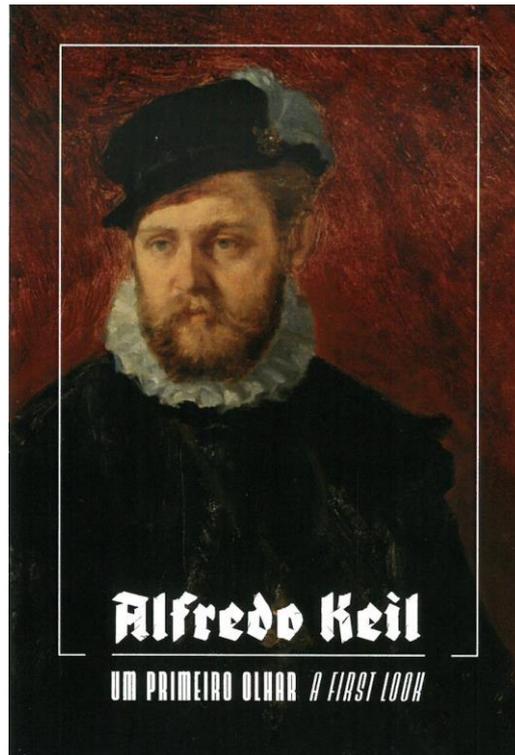
Essa «escola», nascida no seio da propaganda e das encomendas do Estado, caracterizou-se, primeiro, por um carácter político e social. Todavia, os criadores não demoraram a desligar-se das limitações impostas, investindo outros domínios, como o cultural, com criações para a ópera, concertos, exposições ou cinema, ocupando este um lugar privilegiado. A rejeição, pelo regime, dos valores comerciais ocidentais permitiu aos artistas exprimirem-se à margem de exigências puramente publicitárias. Os artistas beneficiaram ainda, paradoxalmente, de uma grande liberdade criadora, reduzindo ao mínimo essencial as indicações textuais do filme, conservando apenas uma imagem metafórica ou suscitando a emoção, apelando à imaginação de cada um.

Hoje, um grande número desses cartazes, considerados obras de arte, entrou nos museus. Ao longo da sua vida de cinéfilo –

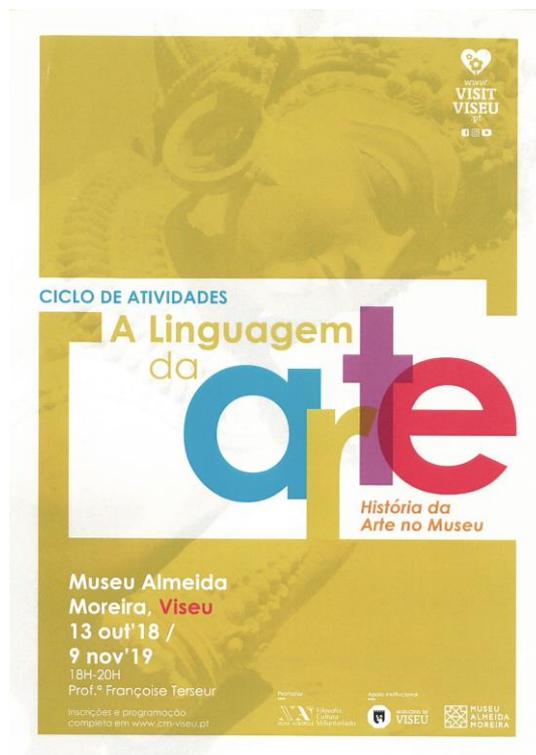
Cartaz de *Sunset Boulevard*, de Billy Wilder, por Waldemar Swierzy.

ORGANIZAÇÃO: cine clube VISEU MUSEU ALMEIDA MOREIRA
APOIO: VISEU
FINANCIAMENTO: VISEU CULTURA
PARCERIA:

Anexo VIII – Flyer da exposição “A idade de ouro do cartaz do Cinema Polaco”



Anexo IX – Flyer de apresentação da exposição “Alfredo Keil – um primeiro olhar”



Anexo X– Flyer de apresentação do ciclo de conferências “A linguagem da arte”

Anexo XI – Exemplo de Ficha de Inventário**FICHA DE INVENTÁRIO****IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA****Instituição / Proprietário:****Categoria:****Denominação / Título:****Descrição:****Inscrições:****FOTOGRAFIA****LOCALIZAÇÃO****DIMENSÕES****Largura (cm):****Profundidade (cm):****Outras dimensões (cm):****INFORMAÇÃO TÉCNICA****Materiais:****Técnicas:****CONSERVAÇÃO E RESTAURO****Intervenções restauro:****Notas:****AUTORIA****Justificação:****Oficina / Fábrica:****Justificação:****Centro de Fabrico:****Escola / Estilo / Movim. :**

DATAÇÃO

Data:

Justificação:

Outras datações:

HISTORIAL

Historial da peça:

EMPRÉSTIMOS

Entidade solicitadora:

Exposição:

Datas:

Valor do seguro:

BIBLIOGRAFIA / DOCUMENTAÇÃO

Identificação do doc.:

Descrição / Transcrição:

FICHA PREENCHIDA POR

Data:

Validação:

Anexo XII – Plano de atividades e *framework* de construção de projeto de um ciclo de conferências

Atividade 1:

Gostaria de organizar um ciclo de conferências destinadas aos funcionários de todos os museus da rede municipal com o objetivo de expor e debater as tendências e avanços na área da museologia e património.

Framework de construção do projeto:

<i>Problema/ Necessidade:</i> Sensibilidade do público na temática da identidade patrimonial e a importância do turismo.	<i>Parceiros Relevantes:</i> Câmara Municipal de Viseu
<i>Público-alvo:</i> Funcionários da rede municipal de museus.	<i>Mudanças a alcançar:</i> Novas iniciativas que tragam públicos diferentes aos museus municipais.
<i>Ideias de partida:</i> Organização de conferências para manter a par o desenvolvimento da temática.	<i>Mecanismos:</i> Diversas conferências
<i>Riscos:</i> Falta de adesão por parte do público devido ao horário de trabalho. Esta seria uma atividade pós-laboral.	<i>Critérios de sucesso:</i> Oferta de conhecimento à área.

Ficha técnica da atividade 1.1:

Designação da atividade: “A programação cultural nas estruturas de pequena dimensão. Rentabilização de recursos e adaptação às necessidades locais.”

Data e hora: Data e hora a designar.

Duração da atividade: Cerca de duas horas.

Público-alvo: Funcionários da rede de museus municipais.

Objetivo: Todos os museus são geridos de maneira diferente, o orçamento e o próprio espólio fazem com que as atividades possam ser mais ambiciosas que outras, mas não é por haver pouco orçamento que é sinónimo que as atividades não tenham tanto sucesso, é necessário haver uma programação e gestão destinado ao público-alvo e que cative ao consumo do produto. Neste colóquio serão apresentadas sugestões de rentabilização de recursos.

Recursos de infraestruturas: Um auditório.

Recursos humanos: Professor Doutor Delfim Sardo.

Recursos financeiros: A discutir com o orador.

Publicidade:

Modo de avaliação: Concretização das ideias desenvolvidas no colóquio.

Ficha técnica da atividade 1.2:

Designação da atividade: O desafio do digital no campo da cultura, da gestão e da programação cultural.

Data e hora: Data e hora a designar.

Duração da atividade: Cerca de duas horas.

Público-alvo: Funcionários da rede de museus municipais.

Objetivo: É importante acompanhar os desenvolvimentos do mundo e sendo o museu algo que mostra o passado, algo por vezes antiquado é essencial trazer um pouco de modernidade a um espaço que pode parecer desinteressante em visitar.

Recursos de infraestruturas: Um auditório.

Recursos humanos: Professor Doutor Paulo Peixoto.

Recursos financeiros: A discutir com o orador.

Publicidade: A meu ver, não há necessidade de publicidade visto que será algo interno.

Modo de avaliação: Concretização das ideias desenvolvidas no colóquio.

Ficha técnica da atividade 1.3:

Designação da atividade: Apresentação do “Viseu Património”

Data e hora: Data e hora a designar.

Duração da atividade: Cerca de duas horas.

Público-alvo: Funcionários da rede de museus municipais.

Objetivo: Dar a conhecer ao público-alvo o objetivo do projeto “Viseu património” e apresentar os desenvolvimentos do mesmo.

Recursos de infraestruturas: Um auditório.

Recursos humanos: Professor Doutor José António Raimundo Mendes da Silva.

Recursos financeiros: A discutir com o orador.

Publicidade: A meu ver, não há necessidade de publicidade visto que será algo interno.

Modo de avaliação: Concretização das ideias desenvolvidas no colóquio.

Ficha técnica da atividade 1.4:

Designação da atividade: Acessibilidade nos museus

Data e hora: Data e hora a designar.

Duração da atividade: Cerca de duas horas.

Público-alvo: Funcionários da rede de museus municipais.

Objetivo: O acesso aos museus deve ser para todos, é importar adaptar os edifícios e a forma como a fazemos as visitas ao público-alvo. Este colóquio servirá para apresentar estratégias e formas de resolver o “problema”.

Recursos de infraestruturas: Um auditório.

Recursos humanos: Doutora Virgínia Gomes

Recursos financeiros: A discutir com o orador.

Publicidade: A meu ver, não há necessidade de publicidade visto que será algo interno.

Modo de avaliação: Concretização das ideias desenvolvidas no colóquio.

Anexo XIII – Guião do *Peddy Paper* entregue às equipas

Caminhando com o Chico – *Peddy Paper*

Regras:

- Por cada resposta correta terão 5 pontos.
- Por cada desafio feito com sucesso poderão obter 10 a 30 pontos.
- O tempo que demorarem também será um critério importante.
- Ganha a equipa que somar mais pontos.

1.º ponto: Museu Almeida Moreira.

Perguntas:

Como se chama a rua em que estão?

R: _____

Qual é a pintura mais antiga existente no Museu?

R: _____

Francisco Almeida Moreira foi importante para o Museu Grão Vasco. Porquê?

R: _____

Desafio: A equipa terá que tirar uma selfie com um dos retratos expostos de Almeida Moreira.

(Nesta etapa é possível fazerem 25 pontos, visto que o desafio vale apenas 10 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Dirijam-se à Sede do Município de Viseu.

2.º ponto: _____

Perguntas:

Qual o engenheiro responsável pelo projeto deste edifício?

R: _____

Em que ano foi iniciada a sua construção?

R: _____

Como se chama a praça onde estão?

R: _____

Desafio: Terão que encontrar a senhora de bigode no teto da Câmara e de seguida tirar uma fotografia.

(Nesta etapa é possível obter um máximo 40 pontos, visto que o desafio vale 20 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Na mesma praça encontrem um jardim com uma glorieta.

3.º ponto: _____

Perguntas:

Como se chama o jardim onde estão?

R: _____

Com que finalidade foi construída a glorieta deste jardim?

R: _____

(Nesta etapa poderão obter um máximo de 15 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Dirijam-se ao jardim que fica entre a Câmara e o Museu Almeida Moreira.

4.º ponto: _____

Perguntas:

No jardim das mães há referência ao Rotary Club de Viseu, encontrem e transcrevam para o papel.

R: _____

(Nesta etapa poderão obter um máximo de 10 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Dirijam-se para o Museu que Francisco Almeida Moreira fundou.

5.º ponto: _____

Perguntas:

A quem se deve o nome deste Museu?

R: _____

Transcrevam a inscrição latina do portal.

R: _____

Qual o autor do busto de Almeida Moreira que se encontra dentro do Museu Grão Vasco?

R: _____

Desafio: Fazer duas perguntas a um turista sobre o que ele está a achar de Viseu e registar as perguntas e respostas na parte de trás desta folha.

(Nesta etapa poderão obter um máximo de 50 pontos, visto que o desafio vale 30 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Dirijam-se ao meio de transporte gratuito que vos levará à estátua de uma das conhecidas personagens de Viseu.

6.º ponto: _____

Perguntas:

Quem mandou construir a estátua de Viriato?

R: _____

Quem foi o escultor da estátua de Viriato?

R: _____

O local onde estás foi construído provavelmente em que século?

R: _____

Desafio: Peçam a alguém que tire uma foto de equipa com a estátua.

(Nesta etapa poderão obter um máximo de 40 pontos, visto que o desafio vale 20 pontos.)

Pontuação obtida neste ponto: _____

Dirijam-se de novo ao Museu Almeida Moreira para terminar o *Peddy Paper*.

O máximo de pontos que poderá fazer cada equipa é 180 pontos. Caso houver empate, o tempo de duração da prova servirá para o desempate.

Pontuação total: _____

Tempo de duração da prova: _____

Anexo XIV – Questionário realizado aos coordenadores dos museus da RMMV

Nome do museu: QUINTA DA CRUZ – Centro de Arte Contemporânea

Nome do responsável: Ana Rita Antunes

Data de inauguração do museu: 04.08.2014

Número de funcionários: Atualmente estão afetos 5

Existe uma loja de recordações? Não

Existe um serviço de bar/cafeteria? Não

Existe um catálogo do espólio do museu: Não

Existem recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: Não

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim (apenas rampa de acesso ao edifício e no interior da sala principal de exposição)

Número de atividades educativas por ano: 6 a 8 programadas

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: média de 8.000

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos: média de 8 exposições/ano. Estão a ser considerando Exposições com organização da Quinta da Cruz c/parceiros externos + Organização da APECV (com protocolo institucional c/ Quinta da Cruz); A duração variou entre os 1, 3 e 6 meses.

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: Zona envolvente ao museu. Sendo um espaço sem coleção permanente, considera-se a maior valência a explorar, seja na relação museu/comunidade, seja a nível das ações de mediação a explorar.

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: Acessibilidades externas e Comunicação.

Nome do museu: Museu Almeida Moreira

Nome do responsável: Sandra Alves

Data de inauguração do museu: 1940 (Casa Museu Almeida Moreira); 28.04.1965 (Museu Almeida Moreira)

Número de funcionários: 4

Existe uma loja de recordações? Sim

Existe um serviço de bar/cafeteria? Não

Existe um catálogo do espólio do museu: Não

Existe recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: Mesa multimédia, lcd com projeção, filme e documentário

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim

Número de atividades educativas por ano: Aproximadamente 25

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: 5479 (2015); 5696 (2016); 5396 (2017); 5397 (2018)

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos:

Do Anjo à Estrela (30/11/2014 - 11/01/2015)

Almeida Moreira: Ligações Artísticas (27/03-28/06/2015)

António Batalha (09/07-13/09/2015)

Entre Deus e os Homens. A Arte na Igreja de Viseu (21/09/2015 - 18/04/2016)

Viseu: Identificação e Reconhecimento – Duarte Belo (18/05 a 23/10/2016)

Almeida Moreira Museólogo (25/11/2016 - 12/03/2017)

Rodrigues da Costa (26/03 a 10/09/2017)

Terra Alma – Elsa Rebelo (16/09/2017 – 25/03/2018)

Ligações Artísticas: Joaquim Lopes (27/04 a 30/09/2018)

A Idade de Ouro do Cartaz do Cinema Polaco (27/10/2018 a 20/01/2019)

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: A personagem de Almeida Moreira e as ligações intrínsecas à cidade, bem como a sua coleção privada. A localização privilegiada entre o centro histórico e o Rossio.

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: A inexistência de um catálogo, pouca divulgação.

Nome do museu: Casa da Ribeira

Nome do responsável: Dra. Liliana Tavares

Data de inauguração do museu: 17.05.2014

Número de funcionários: 5

Existe uma loja de recordações? Sim

Existe um serviço de bar/cafetaria? Não

Existe um catálogo do espólio do museu: Não

Existem recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: Não

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim

Número de atividades educativas por ano: de 6 a 12 programadas

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: +/- 5500 por ano

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos: cerca de 8 algumas duram entre 3 a 4 meses, outras 6 meses e as mais longas 1 ano ou mais.

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: salas de exposições que permitem uma rotatividade maior de exposições.

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: não tem pontos fracos, apenas merecia uma maior divulgação, assim como todos os museus.

Nome do museu:

Centro de Coordenação Cultural de Viseu (2013-2015)

Casa das Memórias (2015-2017)

Museu História da Cidade (2018)

Nome do responsável: Sandra Alves

Data de inauguração do museu:

CCCV: 26 setembro 2013

CM: 16 maio 2015

MHC: 18 maio 2018

Número de funcionários: 4

Existe uma loja de recordações?

Sim (CCCV)

Não (CM)

Sim (MHC)

Existe um serviço de bar/cafetaria? Não

Existe um catálogo do espólio do museu: Não

Existem recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: lcd com filme/documentário

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim

Número de atividades educativas por ano: Aproximadamente 20

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: 1515 (2013 | CCCV); 4876 (2014 | CCCV); 2213 (2015 | CM); 1737 (2016 | CM); 1615 (2017 | CM); 5397 (2018 | MHC)

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos:

Património de Viseu (26/09/2013 - 31/05/2014)

Coragem em tempo de medo – Aristides de Sousa Mendes (26/09/2013 - 19/04/2015)

Eu, Tu, Nós: Portugal (10/06-21/09/2014)

Obj Art Lab – João Mouro (27/09-30/11/2014)

Mirita Casimiro: Vida e Obra (16/05 - 11/10/2015)

Viseu Rural 2.0 (28/11/2015 - 17/04/2016)

60 VHS – Cine Clube de Viseu (12/12/2015)

Viseu: Identificação e Reconhecimento – Duarte Belo (18/05 - 04/09/2016)

Memórias de Engrácia Carrilho (29/09/2016 - 26/02/2017)

Rodrigues da Costa (26/03 - 05/11/2017)

Ícones de Viseu – o Despertar do Museu (desde 18/05/2018)

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: A história da cidade de Viseu, representada por ícones. A localização numa das artérias mais emblemáticas da cidade.

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: A inexistência de um catálogo e o espaço diminuto do Museu.

Nome do museu: Museu do Quartzo – Centro de Interpretação Professor Galopim de Carvalho

Nome do responsável: Teresa Vieira

Data de inauguração do museu: 30 de Abril de 2012

Número de funcionários: 3

Existe uma loja de recordações? Sim

Existe um serviço de bar/cafetaria? Não

Existe um catálogo do espólio do museu: Não

Existe recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: Equipamento Interativo

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim

Número de atividades educativas por ano: ≤ 12

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: ≤ 10 000

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos: 6

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: Único no Mundo dedicado a um mineral “O Quartzo”

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: Pouca divulgação

Nome do museu: Museu do Linho de Várzea de Calde

Nome do responsável: Raquel Greenleaf

Data de inauguração do museu: 20/09/2009

Número de funcionários: 4

Existe uma loja de recordações? Sim

Existe um serviço de bar/cafetaria? Sim

Existe um catálogo do espólio do museu: Sim

Existe recursos tecnológicos ao longo da exposição, se sim quais: Sim. Tapete virtual; Quiosque das Profissões; Livro Mágico e Vídeos do Ciclo do Linho.

O museu está adaptado para pessoas portadoras de dificuldades motoras: Sim

Número de atividades educativas por ano: Aproximadamente 30 atividades.

Número de visitantes por ano nos últimos 4 anos: Ano 2015-3.662; Ano 2016- 5.081; Ano 2017-4.418 e Ano 2018-36.047.

Número de exposições temporárias e duração nos últimos 4 anos: Aproximadamente 15 com duração de 3 a 6 meses.

Para si qual é o ponto forte do museu que coordena: A temática, a localização e o trabalho interligado com a comunidade.

Para si qual é o ponto fraco do museu que coordena: diria que um dos aspetos a melhorar e que limita um pouco a adesão de um ainda maior número de visitantes ao Museu, é a deslocalização da cidade e a falta de transportes públicos regulares para a Aldeia de Várzea de Calde/Freguesia de Calde